



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A PROVIDENCIA.

A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLONIAES.)

TOMO I.

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

PROLOGO.

QUEIXA-TE DE TI MESMO.

Não desprezeis os factos, por pequenos que se vos afigurem em sua origem; porque certos acontecimentos, que parecem algumas vezes sem significação, vão de tal maneira avultando, que se tornão extraordinarios, como as ondas do rio, que quanto mais se apartão de sua nascente, mais se entumecem, rolando mais grossas e mais espumosas.

Na noite do dia 19 de julho de 1710 (e borrascosa era ella) pelas 9 horas, pouco mais ou menos, parou uma cadeirinha junto de uma casa no becco do Cotovello. Esta casa, pela sua apparencia má, e até um pouco immunda, revelava que abastada não era ella, e nem lá muito asseada a pessoa que a habitava. Parada a cadeirinha junto dessa casa, um mancebo, que parecia não ter muita vontade de ser conhecido, e que acompanhára a cadeirinha, bateu á porta com alguma cautela. De dentro alguém perguntou:

— Quem é?

— Seu criado, respondeu o mancebo.

A porta foi incontinentemente aberta, e uma pessoa que appareceu perguntou ainda:

— O que quer?

— Fallar á Sra. Maria Rita.

Tendo o mancebo assim respondido, a pessoa retirou-se, e a dona da casa, sem se fazer muito esperar, veio fallar á pessoa que a procurava.

A Sra. Maria Rita era uma matrona de mais de cincoenta annos de idade, em demasia gorda como um frade velho, alta, de cabellos grisalhos, feia o seu tanto ou quanto, e mal alinhada. Este personagem, que para fazer-lhe inteira justiça nada tinha de agradável e menos de sympathico, chegou á porta, abriu o postigo da rotula, e, em relevo, encaixilhando nelle uma cabeça involvida em um lenço de tabaco, dirigiu-se ao mancebo, dizendo:

— Aqui estou: o que me quer?

— Precisa-se da sua pessoa, respondeu o mancebo.

— Onde?

— Na rua dos Ferradores.

— Muito acima?

— Quasi a sahir ao campo de Sant'Anna.

— Mas como hei de ir agora?

— E porque?

— Porque chove a cantaros!

— Está ali uma cadeirinha á sua disposição.

— Ah! assim sim. Já?

— Sem a menor demora.

A Sra. Maria Rita tomou uma já usada saia de lemiste, apertou o seu desbotado gibão de cabaia, e poz sobre os hombros o seu capote de droguete; assim ataviada, tirou de uma grande e suja caneca que estava sobre uma velha mesa um ramo de aruda, e, sahindo, entrou na cadeirinha, onde escarranchou-se voluptuosamente com ares de uma grande Chinezinha em um soberbo palanquim. O mancebo, depois de cerrar as cortinas e fecha-las cuidadosa e discretamente, mandou a dous possantes escravos pretos que pegassem.

Bem que o narrador não tivesse previamente dito que na porta desta casa havia pintada uma gorda cruz, comtudo o leitor terá talvez comprehendido que a Sra. Maria Rita era, sem tirar nem pôr, uma parteira.

Os carregadores da cadeirinha, já adestrados, seguirão pela rua de S. José, tomáráo pela Detrás do

Carmo, subirão pela do Cano até o canto do Bom-Successo, caminharão pela rua da Quitanda, voltarão pela do Ouvidor, entrarão pela dos Ourives, e forão até á rua do Alecrim, descêrão por esta, e se introduzirão em uma casa não muito distante da rua Direita.

Durante este caprichoso e extravagante trajecto a Sra. Maria Rita, tentada da curiosidade, procurou abrir as cortinas da cadeirinha ; mas foi-lhe impossível, tão bem fechadas estavam ellas.

A parteira achou-se em uma casa de sobrado sofrivelmente arranjada, e ahi encontrou uma joven senhora, mimosa como as Graças, bella como o Amor, e encantadora como devem ser os anjos. Esta singular belleza entregou-se aos cuidados da Sra. Maria Rita, não sem um mysterioso temor, e começou de aguardar o momento mais doloroso e tambem o mais consolador. A parteira, que não passava de uma curiosa, principiou a pôr em pratica toda a sua charlatanica habilidade.

Entre as 11 horas e meia noite a bella senhora estava livre, tendo dado ao mundo um bello menino, que, apenas enfaixado, foi entregue a uma ama, que já prompta e esperando estava. A senhora, não tendo a menor novidade, em consequencia do que se tornasse precisa a presença da parteira, pô-la retirar, o que immediatamente foi executado com as mesmas cautelas.

Tres dias depois diversas turmas do commissarios, de pequenos negociantes e de vadios estavam

na praia de Santa Luzia, morro do Castelloe largo de Palacio, vendo entrar a galera *Aurora*, que das Indias Orientaes viera a Lisboa, e da metropole portugueza vinha para o Rio de Janeiro.

O bello navio, apenas em gaveas, com suas velas enfunadas pela viração da tarde, cortava altiva e victoriosamente as ondas da bahia de Nitherohi ; e tendo ferrado as velas um pouco acima da fortaleza de Villegagnon, no lugar chamado o Poço, arreou ancoras, e deu fundo.

Amarrado o navio, desferreu de seu bordo um escaler guarnecido de seis remadores, e aoproando ao largo de Palacio, começou de vogar para terra com um remar compassado e cadente : poucos minutos depois o escaler abicou á praia, onde saltarão diversos personagens. De todos elles o narrador só se occupa de um, e do qual vai fallar.

Era elle um mancebo de regular estatura, fino de corpo, de cabellos acastanhados, claro e pallido, não obstante os sóes de tão longa viagam, rosto um tanto quadrado, maçãs salientes, testa pequena e alguma cousa deprimida, olhos pequenos, redondos e osgateados, olhar vago, boca não muito grande, labios excessivamente finos, barba bastante espessa, enfim physionomia tristonha e ar carregado. Apenas este personagem poz pé em terra, outro mancebo, quo parecia espera-lo, dirigiu-se a elle : os douts, depois de um aperto de mãos e uma saudação em quo se revelou toda a franqueza e liberdado quo professão os homens do

mar, encaminharão-se para uma taberna que vendia comida feita, e ali entrarão. O mancebo que esperava disse :

— Como vens mudado, meu Graciano !

— Sim ! Então em que ? perguntou o recém-chegado.

— Vens mais gordo, mais corado. E como te crescerão as barbas durante a viagem ! tinhas buço apenas quando daqui te foste ! Com mil diabos ! até me parece que crescestes mais !

— Bem mal feito seria se não crescessem os bens a um homem.

— Sim... sim.... e principalmente os de raizes.... Então, meu Graciano, fizeste feliz viagem ?

— Muito feliz.

— Com effeito eu o esperava. Apesar porém de seres muito entendido na arte do mar, bem poderosos devem ser os teus protectores.

— Porque ?

— Porque nunca se confiou um barco como a *Aurora*, mórmente para uma viagem de cabos a dentro, a um piloto de 24 annos, como tu.

— A idade não dá saber.

— Mas dá prudencia e juizo.

— Petas. Vamos ao que serve : que novidades ha ?

— Algumas.

— Boas ou más ?

— Que sei eu ? Tu és quem-as deve julgar.

— Minha mulher ?

— Teve a sua criança ha tres dias.

— Bravo ! ! !

— Que te faça muito bom proveito.

— E a criança ?

— E' um menino.

— E como soubeste de tudo isto ?

— A mesma chave que serve para fechar uma porta serve para abri-la : não pensas assim ?

— Explica-te.

— Fecharão a boca á parteira com quatro dobras, e eu abria-a com outras quatro.

— Para onde foi a criança ?

— Para a casa do Coelho. —

— Quanto ao mais, creio que sei tudo ?... ' !

— Salvo se fores um pedaço d'asno.

— E elle ?

— Viveu bem a seu gosto durante a tua ausencia.

— Muito estimo.

— Ao menos durante as noites estava em tua casa como vilão em casa de seu sogro.

— Eu lhe darei os parabens.

— Queixa-te de ti mesmo.

— Porque ?

— Porque embriagado de tua fortuna, tu o provocaste.

— E que queres dizer com isso ?

— Que visto teres sido imprudente até agora, convém que sejas mais prudente de agora ávante.

— Fico-te obrigado pelo conselho, mas não to pedi.

— Ah ! mas é cousa que gostamos de dar de graça, e ainda sem nos pedirem.

— Adeus.

— Para onde vás?

— Ora é boa! Para onde se não para a minha casa?!

— Então até amanhã.

— Até amanhã.

Os dous se despedirão.

Graciano, o piloto da galera *Aurora*, poucos minutos depois entrou em sua casa na rua do Alecrim. Ahi achou a Alexandrina, sua joven e formosa mulher, enferma, e na cama. Graciano não perguntou-lhe qual era a sua enfermidade, nem ha que tempo estava doente.

Entretanto elle se mostrava alegre, satisfeito e, o que mais era, complacente para com sua mulher.

A principio Alexandrina temeu esta indifferença, mas afinal tranquillizou-se.

Um mez depois da chegada de Graciano, a morte rubricou em sou grande e tremendo livro mais um nome. Alexandrina, na flôr de seus bellos annos, no adoravel viço de todos os seus encantos, pranteada por seu marido, quasi subitamente cahiu do sor em o nada. Graciano, chorando a sua bella consorte, despediu-se da pilotagem da galera *Aurora*, e ficou por algum tempo desembarcado.

Agora o narrador leva seus leitores aos factos encadeados que tiverão logar, não poucos annos depois do que se acaba de narrar neste prologo.

O narrador aproveita a occasião para declarar aos seus leitores, se lhe perguntarem no fim desta his-

toria quem é o heróe della, e qual a acção principal, que elle os não quiz designar abertamente: o que porém o narrador declara mui positivamente é que os factos aqui mencionados são acontecimentos da vida humana; embora nelles se compliquem personagens tão importantes, que se torne difficil o assignar-se-lhes o plano positivo em que devem figurar; embora elles sejam de tal maneira preponderantes, que se não **conheça** á primeira vista qual a acção principal que sobre o todo domina.

Não obstante, o leitor judicioso verá que todos os factos se reúnem afinal na vida de um homem, que todavia não parece ser o principal personagem, ao menos em grande parte desta historia: e então no fim della, ou quasi no fim, o leitor notará claramente o alvo que o narrador quiz ferir, e a moralidade de sua historia.

O narrador pede ainda ao leitor, se alguma vez notar no curso desta historia algum lance ou traço menos moral, que se não arripie; pois que em historias taes, nem sempre se podem evitar rasgos de tal natureza. Em todo o caso, essas mesmas scenas, que parecem immoraes, teem o seu proveito e bem positivo.

Lembre-se o leitor destes dous versos de Bocage:

« Do crime os quadros a virtude apurão;

« Esualta-se a moral n'horror ao crime! »

A PROVIDENCIA.

CAPITULO I.

NARCISA É AMBICIOSA.

É tão amavel um generoso orgulho no coração de uma mulher, como detestavel uma vil ambição. O orgulho póde elevar sua alma e inspirar-lhe boas acções; a ambição não póde senão abatê-la, e inspirar-lhe acções infames, e até criminosas.

Não longe do oceano, distante poucas leguas, e ao norte do Cabo Frio, assenta-se um estabelecimento rural, que fôra outr'ora propriedade dos laboriosos filhos de Loyola, quando a companhia de Jesus, abalada por uma fé viva, inabalavel e gloriosa, armada da palavra, essa arma divina com que Deus sanctificára o homem, levava em triumpho o lábaro do christianismo do oriente ao occidente, e do septentrião ao meio-dia, fazendo retroar a boa-nova desde os tectos de porcellana do Celeste Imperio até o sapê das cabanas das regiões incultas do novo mundo!

Para que este estabelecimento tivesse tudo quanto é mister para tornar importante uma propriedade agricola, basta dizermos que pertencia aos jesuitas; porque estes homens habeis e scientificos parecião jámais esquecidos da maxima do fabulista latino: « *Se o que fazemos não é util, a gloria é estulta.* » Assim elles sabião em suas cousas casar sempre o util com o agradável.

O estabelecimento de que se falla, e que em tempos desses padres so chamava — Fazenda de Santo Ignacio de Campos-Novos, — ainda hoje existe com o simples nome de Campos Novos.

Hoje, bem que não pouco amesquinhada, ella tem bosques, onde vegetão preciosas arvores, procura já para a tinturaria, e já para constr

neas para todo o genero de lavouras do nosso clima, campinas immensas cobertas de pingues pastagens, e todas estas magnificas disposições da providente natureza presididas e veladas por verdadeiras intelligencias, tornavão a fazenda de Santo Ignacio de Campos Novos um dos mais notaveis estabelecimentos ruraes da comarca de Cabo Frio, município hoje tão agorentado, quanto naquelles tempos, de vasto que então era, destendia-se dos Campos dos Goytacazes até Maricá!

Hoje vós ainda encontrareis nessa bella fazenda, bem que em algumas partes cançadas, todavia muitas, terras ferteis, e em nenhuma ingratas. Vós encontrareis ainda uberrimos pastos, cobertos de nedios gados de todas as especies, que os lavradores soem criar em seus campos. Vós encontrareis ainda alguns pequenos bosques, onde como uma reliquia dos tempos heroicos da vegetação littoral do nosso Brasil, apenas depararão vossos olhos com uma arvore, sobre cuja cortiça, ainda nova, apenas se terá deslizado a metade de um seculo, ou um seculo inteiro, quando muito, e cujo tronco debalde espera attingir a essa grandeza secular desses selvaticos gigantes da vegetação, creaturas talvez ante-diluvianas, porque não perecerão nas chuvas de quarenta dias e quarenta noites, resistindo á inundação de cento e cinquenta dias, e que por isso assistirão, quem sabe, ao omnipotente FIAT dos tres

ultimos dias da creação! Sim, e debalde esperar porque o profanador machado do despota das lavas lá vai decepar em meio a sua pomposidade!

Andámos dos pais europeus... Não é porém este o logar para uma Jeremiada sobre a destruição das mattas do Brasil.

Distante desta fazenda (para o este pouco mais ou menos) um quarto de legua talvez, erguia-se uma choupana, coberta de tiririca, e cujo repartimento consistia em uma acanhada sala, dous pequenos quartos, e uma enfumaçada cozinha onde se levantava um girão. Uma velha mesa com duas gavetas, sobre a qual se assentava um tosco oratório, dous bancos pouco delicados, dous mochos, e duas banquinhas em que costumavão a se assentar as senhoras para coser ou fazer rendas, era toda a mobilia da sala. Na parede pendia de uma bruta estaca uns velhos arreios, e a pouca distancia, de outra igual estaca, um laço de couro, um par de esporas de ferro e um azorrague. Além destas cousas havia encostado a uma parede um banco de carpinteiro, e debaixo d'elle um cesto com a respectiva ferramenta. Em um dos quartos dormia um marido e sua mulher, n'outro uma sua filha, e sobre o girão da cozinha um preto escravo.

Se nada sobrava, tambem nada faltava. Nesta pequena familia encontrava-se o muito, o pouco e o sufficiente: muita saúde, poucos meios, e sufficiente felicidade; mas estas cousas não erão por todos estes individuos igualmente partilhadas. A saúde e os poucos meios erão do marido; estas mesmas cousas e a sufficiente felicidade pertencião á mulher; mas o escravo, que acreditava ter muitos meios e muita saúde, não se julgava sufficientemente feliz. A filha se acreditava muito sadia, pouco favorecida da fortuna, e nada feliz. Esta moça chama-se Narcisa.

Era pois Narcisa o nome da joven que se reputava infeliz. E' difficil de acreditar que uma moça, nascida no campo, não tendo, positivamente fallando, conhecido o vicio, vivendo, por assim dizer, em um quasi estado de innocencia, attingindo aos seus quinze annos, filha unica, idolo de seus pais, sem pensão alguma, sem o menor incommodo, gozando de uma vigorosa saúde, se tinha por infeliz?! Amaria por ventura esta pobre menina, e amaria a um coração de pedra sobre cuja rigidez se fossem vamente de pedregar seus amorosos suspiros, como os suspiros do zephyro se vão

pedregar inuteis sobre o inabalavel granito do rochedo das serras? Mas Narcisa é formosa e de tão bella que é, não pôde ser assim tão dolorosamente desprezada; mas que importa isso? Não se ama unicamente o engraçado, o formoso e o bello; quando se ama, ama-se porque se ama: ama-se um não sei que indefinivel por um não sei que indecifrável.

Assim, quando até fosse ella de uma formosura perfeitamente angelica, não é por demais caprichoso e extravagante o coração humano? Amará ella a alguem, que terna e apaixonadamente responde a seus amores, e quando suas enamoradas almas se vão exhalar em ternissimos devaneios de effusões eroticas, esse alguem lhe fosse rapidamente arrebatado pela insensivel mão de ferro de enlutadora desgraça? Não, Narcisa não ama, nunca amou, e até difficilissamente amarão! Ora eis um pequenino mysterio! Assim parece, mas esse mysterio, grande ou pequenino, fica completamente aclarado, declarando-vos, leitor, que Narcisa é ambiciosa!

Apezar desta declaração, nem por isso fica o mysterio muito aclarado. Como é que uma rapariga nascida no campo, longe do luxo, alheia ás etiquetas, extranha ás modas das cidades, em um logar por sua natureza isento das grandes necessidades e dos grandes gastos, que indispensavelmente tem os logares populosos, como é que uma riga nestas circumstancias é ambiciosa?

Com effeito, parecem-me judiciosas taetologias, mas convem que o leitor saiba que este sentimento de ambição que nutria a joven Narcisa, se não foi em seu novo coração do proposito plantado, foi ao menos desenvolvido e alimentado por imprudentes conversações á sua vista, e uma, mas muitas vezes sustentadas; porque Narcisa, no fundo da pobreza em que vivia, ignorava sempre, se lhe não dissesse que havia no mundo bellos adereços de brilhantes e de perolas, preciosas pulseiras, magníficos relíquias, pingentes e arrecadas, collares e ordões, e outras muitas joias de ouro. Elle não sabia nem suspeitava da existencia de suas mobílias, de ricas copas e de brilhantes velas. Ella jámais pensou em que a India levava para a Europa mimosas caixinhas de xarvão, brilhantes setins de Macão, e rios de rosidades de marfim, de bambú, de seda e de lã! Ella não sonhava, nem jámais tinha conhecido com esses voluptuosos jardins orientaes e com esses celestes oasis da mão do homem. Agrosas cópias, que quasi se avantajavam a seus sobranatureaes modelos, isto é, a esses jar-

dius encantados, artefactos de uma noite, ou ainda de menos; theatros, em que, em algumas horas de uma noite, representavam os espiritos elementares (genios e fadas) os mais interessantes, o as vezes bem patheticos dramas do amor e do ciúmo, e cujas peripecias erão quasi sempre a total desapareição dos actores e dos theatros, como no-lo representam escaudadas, mas sobremaneira ferteis e vaporosas cabeças dos poetas orientaes! Ella jámais tinha cubigado em sua infancia ver, quanto podia possuir essas bellas alamedas, essas graciosas ruas do verdura, esses arbustes symetricos, essas arvores em harmonia, essas palmeiras do Levante em renque, essas moutas de myrtlo, essas touceiras de bambús, essas flôres de tal maneira combinadas, que seu colorido encantasse aos olhos, quando seu perfume embriagasso ao olphato, essas crystallinas fontes, tão arteficiosamente dispostas, quo aqui gemião despedaçadas, acolá sorrião-se n'um remanso, e além ião tranquillias espraíarem suas espumantes ondas n'um lago, para cheias de orgulho verem em seu liquido crystal mirarem os tremulos raios os passageiros astros do céo.

Narcisa, em vérdade bastante formosa, pretendia sê-lo demasiadamente. Seus longos cabellos, que desatados descíam abaixo de sua cintura, erão de um louro verdadeiramente encantador! Os ardores do sol, a que algumas vezes se expunha esta amavel camponeza, sem terem desbotado as rosas de suas faces, tinham com effeito trahido a brancura dos jasmíns de que se compunha seu rosto; mas estes insultos do sol em seu rosto impressos, longe de deslustrarem os seus graciosos encantos, prestavão-lhes mais feitiços, davão-lhes mais realces! não obstante porém os longos desse moreno, um ligeiro excesso, um laive de pudor, um assoimo de colera, pintava em suas faces o rôxo da perpetua, e cobria todo o seu rosto do bello vermelho da rosa. Seus olhos um pouco grandes, que reflectião o suave azul dos céos, erão de um movimento rapido, de uma foiticeira viveza, revelando uma penetração momentanea, mas pouco sagaz; sua bocca, de um vivo côr de rosa, era pequena e encantadora, quando ornada de um seductor sorriso, seus dentes erão alvos e bellos, seu pescoço altivo, seu corpo esvelto, e sua figura elegante; uni a isto as mais bellas fórmas, e uma gravidade digna de um bom senso, e aqui tendes uma mulher ambiciosa, cheia de vaidade, mas bella e bastante bella!

Narcisa tinha pela primeira vez ouvido fallar de joias, de ouro, de diamantes, de rubis, de esme-

raldas, de saphyras, de crysolitas, etc.; de trastes, de prata, de vasos de crystal, de porcellana, de agatha, e de todas essas magnificencias que adornao com tanta pompa os sumptuosos palacios dos grandes, como os vasos de prata o ouro, e as alfaias e paramentos de velludos, damascos, sedas, brocados, e outros estofos que adornão os templos da divindade: tinha ouvido pela primeira vez, e muitas depois ouviu, sem que todavia sua attenção ali se fixasse de uma maneira positiva; tambem ella era tão criança quando estas cousas pela primeira vez ferirão seus ouvidos, que lhes não podia prestar uma mui séria attenção.

A idade que a mulher menos aprecia, porque não a póde apreciar, é por sem duvida aquella em que com toda a innocencia de seus novos annos, brincando com suas bonecas, improvisa-se mãe, se finge comadre, ou se afigura madrinha: esses parentescos postiços, um baptisamento ficticio, todas essas chimeras de sua risonha infancia, occupão deliciosamente sua incerta imaginação, e onchem sua alma, ainda virgem, e tão pura como as suas chimeras: offender a essas bonecas seria ferir-lhe o coração, e feri-lo bem no amago! e no entanto a menina, virgem ainda de ambições, finge uns seios, que mais tarde serão reaes, afigura-se mãe, e deseja, com toda a innocencia de sua alma tão candida, tão joven e tão pura, que chegue a epoca da puberdade, a quadra de seus amores, tempo que o instincto a faz prever de tão longe! Pobre menina! Ama as bonecas, é bem verdade; mas ama essa idade, como o menino ama a idade dos collegios, idade de seus prazeres; mas que ello innocentemente aborrece!

Era pois na idade em que Narcisa, occupada toda de suas bonecas, nem a menor attenção dava a todas essas riquezas de que por ventura ouvia fallar. Tocou aos seus treze annos; ouviu fallar do ouro e das sumptuosidades gozadas pelos grandes da terra; então diria ella consigo: — *Como é bom o possuir-se riquezas!* Depois ouviu fallar de criados vestidos de bordadas librés, de escravos de todas as côres, de cavallo arabes, de ricas berlindas, de dourados coches, de palanquins, de cadeirinhas, etc.: então diria ella: — *Se eu fosse rica!*... Depois ouviu fallar do poder das mulheres formosas, dos milagres que operavão, dos cultos que recebíão, das adorações que gozavão, e da fortuna a que algumas chegavão, pelo unico facto de serem bellas, ainda nascidas no fundo da pobreza. Então Narcisa diria talvez consigo: — *Oh! eu sou for-*

mosa ! De então por diante a idéa fixa desta linda camponeza era : — *Eu sou formosa ! hei de ser rica !*

Eu vos descrevi ha pouco algumas qualidades physicas desta formosa moça ; tentarei agora dar-vos um ligeiro esboço de suas qualidades moraes. Narcisa era de um genio altivo, caprichoso e tenaz ; seu character, um tanto impressionavel, era todavia resoluta e decidido ; e, notavel contraste ! parecia pouco accessivel ás impressões do amor : entretanto respeitamos seu coração ; mas convem que saibamos que nesse joven coração estão lan-

çados, e bem profundamente, os funestos alicerces da vaidade e da ambição. Veremos o seu desenvolvimento.

Não obstante o que deixamos dito, Narcisa tem bom coração, e até impulsos generosos ! Um preceptor habil e interessado na sua educação talvez tirasse proveito até de seu animo ambicioso e de sua vaidade.

O personagem que acabo de pôr em scena, Narcisa, esta bella camponeza, conta, no principio desta historia, quasi os seus quinze annos.



CAPITULO III.

OH! SÃO MEUS PATRICIOS!

Quando estamos em terra estranha, o orgulho abrenos o coração, e faz expandir-se o nosso peito para recebermos aquelles que se d'zem nascidos em nossa patria, e nos dispomos a ser seus amigos. Todavia este orgulho é desculpavel; mas quasi sempre nos arrependemos d'elle, e nunca nos emendamos!

São onze horas da noite do dia 3 de janeiro do anno de 1738, vinte o oito annos depois do que narrámos em nosso prologo: medonha é essa noite; o, de medonha quo ó, a gente do campo não se recorda de outra tão medonha nos ultimos annos passados! E' que o perigo presente parece sempre mais carregado de pesadas côres que todos os que passárão. Chove, e chove espantosamente; mas ahi tem havido mais copiosa e destruidora chuva! Troveja a causar pavor; mas não é esta a primeira voz que ahi atroão tão pavorosos trovões! Com effeito, os relampagos se cruzão com amiudado luzir; mas outras vezes elles teem tão amiudados doscido pelos flancos das serras. A noite, sim, essa é escura, escurissima, a ponto de estraviar viandantes: porém não é a escuridão da noite que apavora o camponez, é o vento, cujas desesperadas refregas desarreizão as arvores, as despedação, e arrasão, e aniquilão as searas do lavrado. Algumas palhoças desabão, alguns telhados voão. Com effeito, grande é o terror dessa noite de tempestade.

Ao murmurio da chuva, ao bramido do vento, ao estampido do trovão, e ao lampejar do raio, uma mulher já não moça salta de sua cama, chamando seu marido, que, dormindo a bom dormir, rososnava, ignorando que a borrasca insultava a humanidade. Um oratorio é aberto; diante d'elle, em um velho castiçal de folha de Flandres, arde uma vela de cera, já tão velha, que parecia empregnada do enxofre; e diante de uma imagem de Jesus crucificado, de outra da Virgem da Conceição, e de outra de Santo Antonio de Lisboa, estão ajoelhados um marido, e oste de má vontade; uma mulher, com toda a devoção de uma piedade feminina; um preto, com todo o ardor de uma crença sincera; e uma moça, cujo sentimento era indefinivel. Esta era Narcisa, os dous, seus pais, e o preto, escravo delles. A mãe, com voz constricta, penitente e medrosa, cantava, se é quo não lamentava, o primeiro ramo do Bemdito da Eucharistia, os tres respondião o segundo ramo. Como vimos, não faltava devoção no escravo; se alguma havia no senhor, elle tinha

mais somno que vontade de gargantear o cantigo sagrado, para que appella a gente do campo em taes contendas da natureza com a humanidade. A moça cantava, é verdade, mas talvez que mais por servir á mãe que a Deus. Uma vez por outra, quando bravia um maior trovão, ou por entre a porta e a baixa soleira rapida se escoava a passageira luz de um relampago, a dona da casa interrompia seu canto para bradar, benzendo-se — *Santa Barbara Virgem ! S. Jeronymo !* — A menina abaixava a cabeça e sorria-se.

No meio desta confusão ouviu-se gritar na tranqueira :

— O' de casa ?

— Quem será ? disse a dona da casa olhando para todos, um tanto receiosa.

— Algum passageiro que querorá recolher-se da chuva.... Pois quem mais ha de ser ? disse o dono da casa.

— Oh meu Deus ! quem viaja com este tempo ! disse a moça.

— Ora quem ! quem tem precisão, respondeu o pai.

— O' de casa ! tornárão a bradar de fóra.

— O' pai, vai ver quem é, disse o dono da casa a seu escravo, que immediatamente chegou á porta, e disse para dous vultos que estavam na tranqueira :

— Chegue quem é.

— Um agazalho até de manhã, disse um dos videntes aproximando-se.

— Póde chegar, disse o dono da casa chegando-se para a porta.

As duas ficarão de joelhos na mesma postura em que estavam. O preto sahio, e tomou os cavallos dos recém-chegados, que se apeárão. Estes, tomando do preto as suas malas, entrárão. O preto conduziu os cavallos para o pasto.

— Os senhores não reparem, que isto é casa de pobre.

Isto dizia o dono da casa introduzindo os hospedes.

Narcisa, a estas palavras de seu pai, abaixou a cabeça e corou.

Os forasteiros saudarão a familia, ao quo Narcisa correspondeu ligeiramente, o sua mãe com agrado.

O dono da casa continuou :

— Olhem, creio que estarão molhados : se trazem roupa enxuta, e querem mudar, entrem por ora par aquelle quarto.

— Sim, senhor, disse um dos desconhecidos.

E entrárão para o quarto que lhes fôra designado pelo dono da casa. Pouco depois sairão. A familia continuava de joelhos, cantando do mesmo modo o Bemdito da Encharistia. Os hospedes, com um gesto sarcastico e um sorriso de desprezo, que elles com effeito occultarão, puzerão-se tambem de joelhos, mas sem despregar os olhos de Narcisa, mórmente o mais moço, que não deveria ter ainda 30 annos.

Mais tarde escampou-se a tormenta : a familia ergueu-se. A vela, que só servia para estes apertos, foi apagada, e o oratorio fechado.

O dono da casa disse então a seus hospedes :

— Talvez que os senhores ainda não ceiassem ; se querem, vai-se fazer alguma cousa....

— Obrigado, disse o hospede mais velho. Bastanos unicamente uma esteira, onde passenios pelo somno até de manhã.

— Pois então deem-nos licença, que já volto.

O dono da casa entrou no quarto onde estava sua mulher ; e esta, embaraçada, disse-lhe :

— Então onde lão de dormir os homens ?

— Onde ?

— Sim : eu não sei onde....

— No chão, ahí na sala.

— Pois no chão, meu pai ? disse a filha.

— E onde querem vocês que elles durmão ?

— Elle é assim.... Nós não temos quarto algum para elles, disse a mãe.

— Pois está bom, minha mãe, elles podem dormir no meu quarto.

— E vós ? perguntou a mãe á filha.

— Pois não seja essa a duvida, disse o velho ; a menina que durma com você, que eu dormirei ahí na sala.

O marido arranjou assim o negocio, e a dona da casa passou ao quarto da filha, arranjou-o, e fez a cama o melhor que pôde para os seus hospedes. Findo isto, forão elles chamados e recolhidos ao quarto onde devião passar o resto da noite. Pouco depois a familia agazalhou-se tambem. Tudo correu sem novidade.

No outro dia, quando os hospedes se erguerão, já a familia ha muito estava de pé : chovia copiosamente.

Passadas as saudações do estylo, disse o hospede mais velho :

— Como chove !

— Chove a cantaros, disse o dono da casa ; mas não aqui, Deus louvado !

— Está máo !

— E pelo que? Os senhores estão em casa.

— E' que temos alguma pressa.

— Mas com tão máo tempo é imprudencia viajar; e demais, hão de achar os caminhos pessimos. Portanto, bem que o agazalho é máo, é comtudo melhor que deixem passar a chuva.

— Emfim, que remedio senão aceitar o seu favor.... O tempo está tão feio.... *(e esta menina tão bonita.... talvez dissessem entre si os dous hospedes)* que será prudente esperar que se suspenda. Quanto ao agazalho, melhor não póde ser.

— Veem de muito longe?

— Agora viemos de Macahé.

— E para onde se botão?

— Para a cidade. Andámos negociando em animaes, e como os vendemos todos, despedimos os companheiros, e vamos-nos recolhendo.

— Para comprarem outra tropa, não?

— Não, senhor: este negocio dá muito trabalho e pouco lucro. Agora queremos nos estabelecer em algum negocio melhor.

— Pelo que me parece, Vms. são de Portugal?

— Sim, senhor, somos de Lisboa.

— Oh! são meus patricios!

— E' de Lisboa?

— Sim, senhor.

— Ha quantos annos está por cá?

— Oh! ha muito tempo!

— Muito tempo?!

— Sim. Então de que se admira?

— Porque me parece que não pódo ser tanto tempo como isso.

— Todavia!

— Ora vejamos se adivinho....

— O que?

— Ha quantos annos está por cá.

— Pois bem: adivinhe.

— Ha seus 10 annos, pouco mais ou menos.

— Oh homem! só essa agora me faria rir!

— Está bom: póde ser que me enganasse; mas a differença não ha de ser lá muito notavel.

— Ah! sim, pequena: de outro tanto duas vezes.

— Como?!

— De outro tanto duas vezes, sim: pois que pensa?

— Pois Vm. está no Brasil ha trinta annos?

— Pouco mais ou menos.... pouco mais ou menos.

— Nesso caso veio para cá muito criança?...

— Está feito; nem tão criança como isso. Com os meus trinta e tres quasi....

— Trinta e tres annos!

— Pouco mais ou menos....

— Oh senhor! isso é impossivel!

— O que?

— Pois Vm. tem sessenta e tres annos?

— Pouco mais ou menos.

— Com effeito! Como está tão bem conservado! disse o hospede mais moço.

— Pois está muito bem disposto, continuou o hospede mais velho; e não tem um só cabello branco.

— Mas em compensação estou calvo; porque aquella mulher e aquella rapariga (isto dizia o velho apontando para a mulher e a filha) arrancão-me os cabellos brancos.

— Pois, senhor, ninguem dirá que tem sessenta e tres annos!

— Pois não é que tenha levado boa vida. Pelo contrario bem má me tem ella sido; pessima até! Oh! tenho sido bem desgraçado!... Onde me vê, já fui rico e bem rico.... mas Deus.... qual Deus nem meio Deus.... tal cousa não ha....

— Meus senhores, não arreparem nas asneiras deste homem, disse a dona da casa.

— Sim.... sim.... são asneiras.... Quando se dizem as verdades são asneiras. Pois bem: que fiz eu a Deus para permittir que em um naufragio perdesse eu tudo quanto tinha, e que dahi em diante nunca mais pudesse arranjar minha vida?

— Então onde naufragou?

— No Cabo da Boa-Esperança; que para mim de tão má foi!

— Eu sou um tanto curioso de ouvir acontecimentos extraordinarios: se me fizesse o favor de contar essa historia....

— Não o duvidarei; mas não agora, porque tenho o que fazer, e a historia é muito longa. Deixe, que nos não faltará tempo. Fallemos agora dos senhores. Este moço é seu filho?

— Não: é meu amigo, e eu o amo como a meu filho.

— E' bem parecido. Como se chama?

— Pedro.

— Seu criado, accrescentou o tal Pedro.

— Criado de Deus, que lhe dê boa sorte.

— E eu me chamo Justino.

— Ora bem: como são meus patricios, interesse-me pelos senhores. Visto que querem mudar de negocio, pergunto eu: em que negocio se querem estabelecer, e onde?

— Ainda não tomámos accordo algum a tal respeito.

— Pois olhe, se tem algum dinheiro de que possa dispor, compre por aqui alguma casinha ; e, se a não puder comprar, arrende por aqui algum poucacinho de terreno, e faça uma casita : tire as competentes licenças, arranhe-lhe um balcãozito, umas quatro prateleiras, e ponha uma taverna : assim deixe correr o mais, que ha de arranjar muito bem a sua vida.

— Não acho muito geito nisso.

— E porque ?

— Porque vejo isto por aqui ainda tão mal povoado, que creio que pouco negocio se fará.

— Está enganado, meu amigo, está enganado. Olhe ; o seu sortimento deve ser um pouco de carne secca ; quanto ao toucinho, Vm. compra por aqui mesmo algum capadinho ; bastante aguardente e fumo.... ahi algum lencinho, um pouco de chita ordinaria, algum algodão de S. Paulo, e está arranjado. Ora, Vm. com oito ou dez dobras arranja tudo isto.... Com oito ou dez.... com muito menos até.

— Com oito ou dez dobras ?

— Sim.

— E a casa ?

— Agora a casa !... essa arranja o senhor com duas dobras, ou menos.

— Homem, estou quasi tomando o seu conselho.... Que dizes, Pedro ?

— Faze o que te parecer. Eu cá estou por tudo quanto fizeres, respondeu Pedro.

— Bella resposta, continuou o velho ; assim nunca hão de brigar. Pois tome o meu conselho ; tome, que se não ha de arrepender. E demais, o negocio não está só no que se vende, está, e muito principalmente, no que se compra.... Oh ! isso é uma mina inexgotavel !

— Então como ? explique-me isso, que ignoro estas cousas.

— Olhe : de dia todo o negocio é vender, e de noite comprar : todo o mysterio está em que de dia se vende por dez o que de noite se compra por um, ou dous, quando muito.

— Oh ! quo magnifico negocio !

— Sim, magnifico.

— Mas o que é que se compra de noite ?

— Tudo quanto se vende de dia, a saber : tudo quanto os escravos furtão aos senhores, isto é, criação, ovos, o feijão, o milho, a farinha, o arroz, etc. Assim, compra-se um sacco de mantimento por uma pataca e por menos, uma gallinha por quatro vintens ou um tostão, uma duzia de ovos por dous vintens, um molho de fumo por tres ou quatro, etc. Tudo isto está em saber se comprar e vender.

— Muito bem. E quem arrendará por aqui terras ? O padre, administrador desta fazenda, arrendará ?

— Nem fallar nisso !

— Não arrenda, heim ?

— Além de não arrendar, para uma taverna muito menos.

— E pelo que ?

— Porque esses padres são passados por India e Mina : elles sabem quanto é perigoso uma taverna perto de uma fazenda.

— Oh ! sim, comprehendo.

— Mas isso não lhes sirva de embaraço. A pouca distancia daqui existem duas grandes situações, ou antes duas fazendolas : as terras de uma e d'outra confinão aqui na estrada. Um, o dono da fazenda do lado da terra firme, não lhe ha de arrendar, porque ella não é muito grande ; além disto, o filho, que está da cidade estudando para ordenar-se, tem dito ao pai que não arrende da fazenda nem um palmo de terra ; portanto com esse não conte. O dono da outra fazenda, que é bastante grande, é um tal João Baptista, que para ahi veio ha pouco tempo. Dizem que é um borrachão, um pobre diabo ; e então estou certo que com esse se ha de o senhor arranjar.

— Então julga que devemos ir ter com elle ?

— Sem duvida.

— O tempo está alevantando. Chove pouco. Vão aproveitar esta estiada.

— Pois vão e voltem. Nós os esperamos para jantar, e então lhes contarei a minha historia.

— Está dito.

— Com effeito, os cavallos dos hospedes forão arreitados ; elles montarão, dizendo :

— Até á volta.



CAPITULO III.

POIS SEREI PEDRO.

Os pais que amão excessivamente a si, educação seus filhos só para si: os que amão excessivamente a sociedade, os educação só para a sociedade: os que amão excessivamente os filhos, não os crião para si nem para a sociedade: os que porém amão a si, aos filhos e a sociedade, temperando este amor com a razão, fazem delles bons filhos, bons homens e bons cidadãos.

Os dous desconhecidos, que o leitor viu chégarem á casa que o narrador descreveu no capitulo passado, não erão ambos Portuguezes, como dissera o mais velho: este com effeito o era, mas o mais moço não. Tambem não se chamava Justino o mais velho, nem Pedro o mais moço: mas visto que elles assim se querem chamar, façamos-lhes a vontade, conhecendo-os pelos nomes que elles mesmos derão, até que seus verdadeiros nomes possão apparecer perante nós.

Em 1713 mudou-se do Rio de Janeiro para Santa Catharina uma familia composta de tres pessoas, marido, mulher e um menino, reputado como filho unico. Este menino, logo nos seus primeiros annos mostrou alguma comprehensão e talento; seu genio era brando, seu character timido, e sua vontade flexivel; com taes disposições, seria o que seus preceptores quizessem que elle fosse; porque, além destas boas qualidades, tinha bom coração: mas seus pais, mais amantes que justos, longe

de formarem a alma de seu filho, importárão-se só com o ter um filho bonito, espirituoso, que soubesse vestir-se bem, e que fizesse uma cortezia com graça: a virtude e a sisudeza ficárão esquecidas. Estes pais, por um louco amor, deixárão que seu filho desde seus primeiros annos fizesse tudo quanto lhe parecesse: era pois elle, como dizem os Francezes, *l'enfant gaté* da familia, o que nós chamamos, em o nosso estylo familiar, *o menino de cheiro*.

Já o leitor terá bem comprehendido que este menino poderia ser um bom menino, e ainda um bom homem; mas seu pai, casquilho do Rio de Janeiro (pois tambem naquelle tempo os havia, bem que de menores quilates que os de hoje); sua mãe, filha de Santa Catharina, mas criada no Rio de Janeiro, tinham a brasileira mania de amar o filho até a loucura de deixa-lo commetter imprudencias!

O menino pois tinha viveza, e os pais tolice. Quando a boa da mãe estava conversando, não poucas vezes gritava o pequeno: « — Não foi assim,

mamãi.... — Então como foi, meu filho? dissei... respondia a amavel mãi. » E o rapaz contava a historia. Depois dizia ella, toda cheia de seu filho : « — Foi assim mesmo : que memoria de menino ! Benza-te Deus, meu anginho ! » Outras vezes era com o bello do pai. O menino entrava na conversação dos mais velhos, e fallava como um doutor de borla e capello, o não só fallava, como desdizia, teimava, retorquia, etc. ; e então dizia o fascinado pai : « — Que viveza de menino ! » As crianças são sempre gratas aos elogios, e por meio de seus gestos e ademães gostão de exprimir o seu agradecimento ; assim o menino, ouvindo estes elogios de seus pais, apavonava-se todo, empertigava-se, requebrava os olhos, volvendo-os pelos circumstantes, e de novo se intromettia n'outra conversação ; porque o tal menino era sempre quem mais fallava : quando porém se desfazia a companhia, as pessoas sensatas sahião sempre bem aborrecidas dos pais e do filho.

A' vista de tudo quanto temos dito, é claro que este pobre menino cresceu com todos os caprichozinhos de que é capaz a alminha de um menino assim criado ; e portanto ficou um soffrivel malcriado. Não obstante, aprendeu a ler, escrever, e as quatro especies fundamentaes de arithmetica sem grande custo. Depois de saber essas cousas (como se sabe quando se sahe de uma aula) se lhe houvera dar na veneta o comer, beber, dormir e passeiar, deu-lhe o querer estudar. Tanto peor ! Ora, como quiz, começou a estudar, e o que é verdade é que com alguma habilidade.

Estava o rapaz já com os seus dezasete annos feitos quando se passou o que vamos referir.

Morava em Santa Catharina um padre, que contava os seus sessenta e tantos annos, homem sem senão, se senão não é o pequenino peccado da avariza. A principal casa de negocio de Santa Catharina, naquella tempo, dizião as más linguas que era deste padre ; os mais bem intencionados, e quo não gostão de fallar da vida alheia, dizião apenas que o padre era socio da casa.

Em dias do março de 1727 estava o padre em sua casa, serião 9 horas da noite, quando lhe batêrão á porta : levantou-se, o foi elle mosmo abri-la com uma luz na mão : abrindo a porta, o voutdo a pessoa que batia, recuou espantado gritando : — Uma alma do outro mundo !!!

O sujeito, sem so admirar . como quem já esperava por isto, solta uma grande risada, dizendo :

— Ora, padre, pensei que já tinhas tomado juizo....

O padre, recobrado de seu primeiro susto, balbuciou isto :

— Pois tu não morreste ?

— Parece-me que não.

— Essa é boa !

— Com effeito ! Grande empenho tinhas tu que eu tivesse morrido....

— Não, homem !... mas tu morreste....

— Nesse caso resuscitei.

— Então devéras não morreste ?

— Morri, mas resuscitei.

— O' meu....

— Alto lá, alto lá.... Morri com esse nome, mas resuscitei com outro.

— Sim ! e então como te chamas agora ?

— Justino.

— Mas porque essa mudança de nome ?

— Porque como morri e resuscitei, entendi que devia mudar de nome ; não julgas ?

— Mas o Divino-Mestre resuscitando a Lazaro não lhe mudou o nome.

— Lá dessas cousas não pesco eu nada. Venho demorar-me por aqui algum tempo, e por consequente quero aboletar-me em tua casa.... Não descores ; eu faço as minhas despezas. Não te esqueças porém do que eu me chamo Justino, e sobretudo só me conheces de Lisboa, donde somos filhos, heim ?

— Mas que vem a ser isto ? que diabo de historias são estas ?

— Descansa, que de tudo saberás.

— Mas me assegurarão que tu naufragaste lá para a altura do Pará, ou Maranhão, e que tinhas morrido ?

— Sim, naufraguei ; mas não morri.

— Pois companheiros do teu naufragio assim o assegurarão ; e como ha alguns quatorze ou dezeses annos que não appareces, eu o acreditei.

— Pois escapei em uma taboa, em que andei boiando uma noite e quasi um dia ; mas salvou-me um navio hespanhol, e d'ahi fomos todos cahir nas un'as dos Mouros, onde estive quasi todo esse tempo. Agora, como todos me tinhão por morto, reapareço com outro nome, e sondo um homem todo novo.

— Ora vejão ! E disse-to uma missa por alma !

— Pois, meu padre, so a missa ainda está bem conservada, apesar do tempo, vende-a a outra pessoa, porque eu não preciso della.

— Estás enganado : a luz que vai adiante allumia melhor.

— Concordo ; mas é a que vai adiante de alguma pessoa ou cousa ; a tua luz foi só, e por isso a nada allumiou.....

— Cala-te, libertino.... Sempre assim foste.... Vamos cear.

Entre muitas amizades deste velho sacerdote, era, e um tanto particular, a dos pais do menino de que fallámos ha pouco tempo. O padre, a pedido de seu hospede, apresentou-o a esta familia. Bem depressa Justino, por suas maneiras agradaveis e animo officioso, tornou-se amigo intimo da familia ; e como o rapaz, durante seus estudos, ia não poucas vezes á casa do padre para este explicar-lhe algum ponto mais difficil da lição, aconteceu que Justino fosse tambem se familiarizando com elle. Justino em pouco tempo ganhou completamente o animo do rapaz. A maneira que para isto empregou era segura e decisiva. Conhecendo as suas opiniões, lisongeava-as ; comprehendendo as suas inclinações, facilitava-as ; e desafiando as suas paixões, satisfazia-as ! O para que é o que ignoramos por ora.

Justino estava quasi sempre com o rapaz ; levava-o ao jogo, ensinava-o a jogar, dava-lhe dinheiro, guiava-o á casa de mulheres perdidas e dissolutas, e instigava-o até a acções feiase indecorosas.

Este homem era conhecido em Santa Catharina como patricio e amigo do padre ; mas uma vez apresentado a alguma pessoa ou em alguma casa, elle não só sabia inculcar-se, como até fazer-se querer. Era, ou affectava sêr, cortez, franco e generoso ; sua bolsa estava sempre aberta ; era de um humor alegre, de um genio jovial e até leviano ; mas estudando-se este homem com alguma reflexão, ver-se-hia que tudo nelle era estudo, calculo e conveniencia ! Um physionomista experimentado diria que seu olhar atravessado, seu sorriso sarcastico, encobrião um coração perfido, rancoroso o vingativo ! Emfim, veria que este homem era uma noite tenebrosa, e buscava disfarçar a escuridão dessa noite com um raio de uma alegria falsa, com um raio de uma jovialidade mentirosa, e com o raio de uma leviandade ficticia.

Não se fixou todavia Justino em Santa Catharina : elle fazia algumas viagens, mas não longas, por exemplo, ao Rio de Janeiro, ao Rio Grande do Sul, etc., e depois voltava a Santa Catharina.

Voltando elle de uma destas viagens, disse-lhe o rapaz :

— Justino, quero pedir-te um favor.

— Falla rapaz, disse elle com emphase.

— Estou com vontade de ir estudar em Coimbra.

— E' muito justo ; e o que te falta ?

— Quero que peças ao velho.

— E tu já lhe tocaste nisso ?

— Ainda não.

— Pois falla-lhe quando eu lá estiver, e deixa o mais por minha conta.

— Então está dito ?

— Está dito.

Com effeito, o rapaz tocou ao pai nesse negocio, em presença de Justino. A mãe quasi morreu ouvindo tal : o pai tambem não gostou ; mas era só com a lembrança de se separarem do filho : assim o pai apresentou meia duzia de difficuldades, quo tanto o filho como Justino as pulverisarão de repente : mas restava ainda alguma cousa. Era preciso consultar o padrinho do rapaz, que, segundo seu pai, morava no Rio de Janeiro ; e accrescentava o pai que sem o consentimento desse padrinho nada se poderia fazer.

O Justino declarou então que elle vinha para o Rio de Janeiro, e que em tal caso seria portador da carta. Com effeito, assim se fez ; Justino foi o portador da carta, quo eomquanto não a entregasse em mão propria, todavia chegou ao seu destino. Passado o tempo absolutamente preciso, chegou Justino a Santa Catharina com a resposta do padrinho, quo não só approvava a resolução do rapaz, mas tambem lhe mareava uma mesada. O rapaz apromptou-se para partir. Os pais estiverão quasi á morte com a lembrança de que seu querido filho se ia separar delles ; mas como não?... elle o queria ; e como resistir á suprema vontade deste deuszinho da familia ? Emfim o idolo partiu, e o dia da sua partida foi um dia de luto, de afflicções e de amargores para os sensiveis corações de tão maviosos pais ! O pai teve todavia animo de acompanhar o filho até o navio que o devia levar a Portugal ; e ahi se despediu d'elle lavado em torrentes de lagrimas. O rapaz pela sua parte cumpriu fielmente o programma de quem parte, e vai contentissimo ; isto é, beijou a mãe ao pai, abraçou-o muitas vezes, e chorou muito, promettendo sempre dar-lhe muitos gostos ; isto mesmo já elle havia feito com a cara mãe, que desmaiou no momento do adeus, e ficou de cama para não viver, exclamando continuamente : « Quando verei o meu doutor ?' quando o verei ? »

Justino, que, como elle dizia, tinha de fazer uma viagem a Portugal, aproveitou esta occasião, e acompanhou o rapaz, que, segundo as instrucções dos pais, devia vir ao Rio de Janeiro ahi apresentar-se a seu padrinho, e depois seguir para Europa. Chegados ao Rio de Janeiro, Justino iniciou o rapaz em toda a sorte de dissoluções, desmanchos e licenciosidades.

As casas de bebidas, de jogos, e de mulheres perdidas e devassas, erão constantemente frequentadas pelos dous amigos; e Justino de tal sorte entre-tinha o rapaz, elle enchia o tempo, que nunca teve occasião de apresentar-se a seu padrinho, que no consentimento dado para que fosse elle para a Europa, dizia mui expressamente que queria vê-lo antes de partir. Assim passarão-se dous mezes. Alguns navios tinham de seguir para Portugal, a mon-são era boa, e o tempourgia. Então, por conselho de Justino, o rapaz escreveu ao padrinho dizendo-lhe que o havia procurado diversas vezes, mas de balde, porque se achava fóra da cidade; que não desejando perder tempo, nem querendo desperdiçar a occasião, enviava-lhe inclusa a carta de seu pai, e seguia para Europa.

O navio que levava os dous tocou na Bahia: Justino saltou com o seu amigo, fazendo desembarcar seus bahús. Oito dias depois o navio levantou ferro, e os dous passageiros não apparecerão. Justino, que muito de caso pensado assim obrára, fingiu affligir-se com este successo. Só um mez depois houve embarcação para Lisboa; e o durante este mez os dous repetirão na Bahia os seus escandalos do Rio de Janeiro. Ao cabo deste mez de devassidões e indignidades, proseguirão os dous a sua viagem até a ilha Terceira, onde desembarcárão. Ahi o rapaz, desenganado de que não se podia já matricular na universidade neste mesmo anno, propoz a Justino o ficarem mais tempo em terra; era o que Justino queria. Dous mezes e meio forão passados na Terceira, no meio dos maiores descaramentos e desordons! Finalmente chegarão a Lisboa, onde se propuzerão a passar o resto do anno e o principio do proximo futuro, até a ida para Coimbra.

A' vista dos principios de moral professados pelos nossos heróos, os meus leitores podorão bem prever o quo farião elles nesta grande cidade, neste vasto theatro, em que erão representadas todas as qualidades dos dramas!

Pouco tempo foi preciso para o infeliz ficar senhor de toda a Lisboa. Não obstante, passados esses mezes de indignas extravagancias, chegon o

rapaz a Coimbra, onde matriculou-se no primeiro anno.

Os primeiros dias de sua estada em Coimbra não forão la muito para invejar, attenta a circumstancia de ter elle fama de rico: assim fôilhe preciso fazer alguns aureos sacrificios para tornar propicias as severas divindades do *Caloirato*.

Os estudantes fabricão entre si a faculdade de arran-jarem certas espertezas e rasgos de espirito para haverem o que não é seu, que qualquer homem, na maior boa fé do mundo, salvo sendo Lacedemonio. chamaria simplesmente ladroeiras: dessas espertezas e rasgos de espirito foi não poucas vezes victima o nosso futuro doutor. Como fosse, estudou o primeiro anno, durante o qual Justino abandonou-o. Findo o primeiro anno, veio o moço para Lisboa, onde devia encontrar o seu bom amigo, e assim foi: foi então que elles soltárão as ré-deas ás suas dissoluções, desordens e impudencias! Bem depressa o malaventurado tornou-se escravo das duas mais perigosas paixões: — jogo e mulheres!!! — e assim gastava ao pai e ao padrinho rios de dinheiro! Familiarisado com estas duas despreziveis e aviltadoras paixões, ou estava sempre em casa de mulheres depravadas, ou em casas de jogo! Justino, natural de Lisboa, e conhecedor de todos os seus segredos, procurou para o seu amigo quantas amizades pôde; mas por mór desgraça todos os amigos do infeliz procurados por Justino, moços de diversas estirpes, erão todos licenciosos, pela mór parte libertinos, hereges, e até alguns atheus! O desgraçado seguiu em tudo e por tudo as pisadas de seus jovens amigos; de jogador e effeminado tornou-se devasso e licencioso; bem depressa cahiu na libertinagem, e lançou-se a todos os excessos, acabando pelo atheismo.

Seria isto o que queria Justino? Se era, podia contemplar sua obra, como um modelo de perfeição, e podia applaudir-se!

E era pena! Ver este mancebo, nascido com tão bellas disposições, sendo tão bello e tão amavel, pervertido, lançado na voragem dos vicios, e com os pes na ribanceira dos crimes, quasi tocando aos seus vinte e tres annos. . . era pena!

Era doloroso ver estes graciosos cabellos louros, quo molduravão seu rosto de alabastro! estes olhos formados de dous radiantes pedaços de cêo, em cujo brilho o vivacidade tão magicamente se debuxava o amor! estas faces em que através da mais branca e mais fina tez ardião preciosos coraes! estes labios de carmin, dondose pendurarião talvez fugaces, ideaes

beijos! este sorriso tão doce, tão doce quão refalsado encobridor de seus vícios, quão perfido enganador da innocencia! este corpo tão esvelto e mimoso! este todo de encantos! esta copia de amor! esta sedução intima que só Deus vê! este peccado secreto que só Deus perdôa! esta sublime prova de uma virtude suprema! Era doloroso ver tudo isto tão desprezível, tão detestavel o tão corrompido! E ainda assim, quantas seduçõs, quantas victimas! e na verdade não é sem grande custo que se resiste a tão bella, tão engraçada e tão encantadora tentação! No entanto perdoemos á mulher que se perde pelo bello. O coração de uma mulher ó o typo mais bello da natureza, e por uma sympathia das qualidades bellas, o coração de uma mulher palpita ansioso perante o bello,² desejoso de ligar-se a elle!

Disponha-se este desafortunado mancebo para partir de Lisboa para Coimbra a fim de estudar o segundo anno, quando no meio de alguns mancebos dissolutos e mulheres depravadas recebeu uma carta, cuja obreia pareceu preta. Os rapazes folgazões e raparigas folgazonas da rua da Madragoa quizerão saber que novidade havia.

O mancebo, no meio da sua bacchanal, bem pudera ter dito, como o Polemarchio, tambem no meio de uma orgia: « *Negócios sérios para amanhã.* » Mas sofrego, o que é natural em um moço, abre precipitadamente a carta: a mãe dá-lhe a triste noticia da morte do pai, e o aconselha que volte para o Brasil.

Despedida a companhia, o moço consulta com Justino se deve seguir o conselho da mãe, ou continuar os estudos: elle ó de opinião de ficar, e proseguir seus estudos; mas Justino combate a sua opinião, e com tão artificiosos argumentos o combate, que o vence; e o condescendente mancebo vem para o Brasil acompanhado de seu amigo.

Chegados a Santa Catharina, o rapaz é recebido como o filho unico, o muito querido da mãe, e que estava ausente. O pai tinha fallecido *ab-intestato*, e elle, com dispensa da idade, emancipou-se: então tomou conta dos bens da casa, e começou a gastar como um prodigo; em consequencia, algumas vezes o dinheiro escasseava, e n'um destes apertos o mancebo disse-o a Justino. Este offereceu-se, tanto a elle como á mãe, para abrir-lhe um credito n'uma casa de negocio; os dous acceitáram a offerta. Justino dirigiu-se então á casa de negocio que as mãs linguas dizião ser do padre amigo de Justino, e que outras acreditavão ser de dous socios, sendo um o dito padre; e como Justino era amigo do so-

cio gerente da sociedade, entregou a este uma grossa quantia por conta das fazendas e dinheiro que a mãe e o filho pedissem. O negociante disse então a Justino:

— Bem. As fazendas que elles devem tomar ficam pagas; mas este dinheiro vence algum juro?

— Como?! Tu não o dás de tua gaveta! disse Justino.

— Mas não sou eu que fico responsavel? Não sou eu que lhe corro o risco? Não sou eu que tenho o trabalho da escripturação?

— Sim, entendo-te: queres algum lucro do teu trabalho, heim?

— Façamos uma cousa....

— Qual é?

— Já fazes muito em adiantar o teu dinheiro.... O lucro que houver será nosso.

— Pois bem, mas que não seja enorme.

Desde então ficou o moço e sua mãe mandando buscar dinheiro e fazendas nesta casa; mas do dinheiro erão mui pequenas quantias. Quanto ás fazendas, erão vendidas aos dous com o lucro de cincoenta por cento!

Por este tempo despediu-se Justino, e foi fazer uma viagem de mais de um anno, segundo elle o disse.

O mancebo entregou-se a todos as suas devassidões e desordens. Um dia, jogando em companhia de alguns gatunos, perdeu todo o dinheiro que trazia, cêrca de duas dobras; pediu licença aos companheiros, e foi ao negociante, e pediu-lhe cem mil réis; este respondeu-lhe:

— Meu amigo, isto não vai bem. A nossa casa, em continuas negociações, não tem tanto dinheiro disponivel que possa fazer tantos empréstimos sem o menor lucro; e Vm. sabe quo dinheiro ganha dinheiro. Assim convem que....

— Sim, sim: quer juros do seu dinheiro. Seja franco, quanto quer?

— Espere, espere, não se afflija. Olhe: o senhor e a senhora sua mãe já lá teem umas vinte e nove dobras; se esse dinheiro que lá está, e este que pede agora, vem com brevidade é uma cousa; se não, convencionemos em algum juro.

— Mas quanto? quanto?

— Olhe, façamos uma cousa: sempre que Vm. quizer dinheiro, mande uma ordem ou pedido, pedido de cento e vinte cinco mil réis.

— E quanto receberei?

— Cem mil réis contadinhos....

— Isso ó muito caro....

— O meu dinheiro em gyro ganha mais, meu caro senhor.

— Sim; mas com muito risco.

— No commercio não ha negocio sem risco.

— E os meus escravos e as minhas propriedades não assegurarão a sua divida?

— Os escravos morrem, meu caro senhor, e as casas podem arder.... e assim estas cousas são bem fracos penhores do meu dinheiro.

— Nesse caso não ha penhor algum?!

— Eu o disse: não ha negocio algum sem risco....

— Bem, bem.... Vamos a isso....

— Ora, meu caro senhor, quem tem um amigo tão rico e tão generoso, como Vm. tem no Sr. Justino, que tem que receiar?

— Dê-me cá papel e tinta.

— Sim, senhor; um pedido de 125000....

— Sim, sim, de 125000, dizia o moço escrevendo.

— E todos os mais que vierem.

— Sim, senhor: não tenha duvida.

O moço entregou ao usurario o pedido de 125000; recebeu 100000, e sahiu!

O homem amigo do jogo é das mulheres, quando não tem dinheiro para perder naquelle, e para gastar com estas, não põe muita duvida em roubar onde puder, quanto mais toma-lo por um enorme prêmio! No fim de dous annos e alguns mezes o infeliz mancebo estava arruinado.

O leitor viu este usurario ficar com o dinheiro por conta do que devia dar ao moço e á sua mãe, tanto em dinheiro como em fazendas; e que, esgotada esta quantia, nada se lhe ficava dovendo; mas elle teve a destreza de ainda fazer-se credor: porque quanto ás fazendas, ia-se pagando dellas com o lucro do 50%; quanto ao dinheiro do emprestimos, teve a habilidade do não se pagar logo dos premios, isto é, deu todo o dinheiro que havia recebido, sem descontar os premios que, segundo os pedidos do rapaz, figuravão no capital.

Esgotada a quantia deixada por Justino, o negociante não quiz mais dar dinheiro nem fazendas: o rapaz, achando-se em apuros, quiz vender um escravo. O negociante apresenta-lhe a enorme divida (enorme para os bens do casal), embarga a venda do escravo, e move uma penhora contra a mãe e filho. A mãe, que ignorava os desmanchos do filho, vendo a enorme divida feita por elle e tambem por ella, o para a qual seus bens não chegavão, tomou tal paixão, que cahiu gravemente enferma. A execução seguia seus tramites, e a pobre

viuva chegava ao termo da vida. Nesta occasião chegou Justino. Antes de ir á casa do amigo foi á do negociante, que lhe contou todo o acontecimento. Justino pareceu não gostar do que tinha havido, e mostrou-se pezaroso; mas o que estava feito estava feito. Botou-se para casa do padre, onde se não demorou, e dahi foi para a casa do amigo; este não estava; era quasi noite: elle vai ao quarto da doente, e achou-a quasi moribunda. A infeliz enferma alegrou-se vendo o amigo do filho, e perguntou-lhe por elle.

— Não sei: eu chego neste instante, respondeu Justino.

— Eu sinto-me morrer, disse a velha, não posso ter muitos momentos de vida; e por isso preciso ver meu filho.

— Senhora Urselina, elle está ausente: se eu posso fazer alguma coisa, diga.

— Não: é uma revelação que lhe quero fazer; queria tambem confessar-me.

— Com quem?

— Com um padre.

— Bem sei: mas que padre?

— Seja que padre fôr.

— Pois eu vou buscar-lhe um.

— Muito estimarei.

Justino sahiu. Chegou á casa do padre seu amigo, e disse-lhe:

— Padre, anda fazer uma confissão.

— Quem é que se confessa, homem? perguntou o padre.

— E' a velha Urselina.

— Como! pois está mal?

— Sim. Anda depressa.

— Vamos.

O padre tomou o chapéo e a bengalla, e sahiu com Justino: este no caminho disse-lhe:

— Olha que esta confissão não é uma confissão vulgar.

— Porque? perguntou o padre.

— Porque nesta familia ha um segredo, e supponho que a velha o quer revelar ao filho. Conviene-me que ella o revele até certo ponto, o que elle ficou ignorando o resto.

— Mas qual é o segredo?

Justino inclinou-se sobre o ouvido do padre: e, como quem temia que até as auras o ouvissem, fez que nesse ouvido já velho se embobesse o seu segredo. O padre pasmado exclamou:

— Sim!!! mas com que fim deve Urselina occultar-lhe o mais importante de seu segredo?

— Porque elle é um doudo, um extravagante, um perdulario ; e assim como arruinou a estes irá arruinar a outros : quando elle tiver juizo e assento, então revelar-lhe-hei o resto deste segredo. Já vês que só quero o seu bem.

— Está bem : mas com que pretexto farei eu que a velha cale o resto desse importante segredo ?

— Ora obrigado ! Com pretexto de absolvição, excommunhões, etc.

— Emfim, farei o que puder.

Assim conversando chegarão á casa da enferma. O padre entrou para o quarto, e ficou só com ella. Justino esperou na sala. Um instante depois chegou o rapaz. Veudo Justino, lançou-se-lho nos braços, e depois contou-lhe tudo quanto lhe succedêra. O amigo consolou-o, e a conversa ficou adiada. O padre terminou a sua confissão, e sahiu. O mancebo entrou para o quarto da velha. Ella estava nos paroxysmos da vida. A enferma fez assentar-se o moço junto della, e começou a fallar. Justino, de fóra, nada perdeu do que se dizia no quarto. Por ultimo elle ouviu que o rapaz pedia alguma coisa á velha, e pedia instantemente, e ella negava com

obstinação. No meio destas instancias e desta tenacidade, a velha perdeu a falla, e pouco depois expirou.

Depois desta morte, disse o moço a Justino :

— E agora ? não tenho cousa alguma : de que hei de viver ?

— Temos um optimo negocio, disse Justino. Vamos negociar em animaes.

— Mas eu não tenho dinheiro.

— Tenho-o eu. Nota porém que has de mudar de nome, e dirás que és filho de Lisboa.

— E que nome tomarei ?

— Qualquer. Pedro, por exemplo.

— Pois serei Pedro.

Justino recebeu do tal negociante o seu dinheiro e metade dos premios, e seguiu com o improvisado Pedro para S. Paulo ; e depois de algumas voltas, vierão apparecer no ponto em que os deixámos no capitulo passado.

Justino tem os seus cincoenta e um annos quando apparece na casa do pai de Narcisa, e Pedro os seus vinte e oito.



CAPITULO IV.

NÃO É POIS EXACTO O QUE SE DIZ DOS PESCADORES EM GERAL.

Aquelle que julga precipitadamente, precipitadamente será julgado.

O juizo pronunciado depois de bem pesadas as circumstancias que o devem determinar, é quasi sempre seguro.

Os dous sahirão, como vimos, para irem fallar ao fazendeiro. Justino mandou a Pedro que o esperasse, e só, foi ter com o dono das terras. Antes de lá chegar puxou muito os cabellos sobre a testa, ~~arr~~arrou um lenço nos queixos, atando-o sobre a cabeça, e assim um tanto desfigurado fallou ao homem.

Pela volta do meio-dia os dous voltárão, elles vinhão alegres e contentes. Philippe (que assim se dizia chamar o pai de Narcisa) apenas os viu, disse-lhes.

- Achárão o homem ?
- Sim, senhor, respondeu Justino.
- Então, é macho ou femea ?
- Oh ! macho !
- Ora estimo.
- Muito obrigado.
- Como se houverão com elle ?
- Optimamente. O homem é um bello sugeito.

Fallei-lhe, e elle 'poz algumas duvidas em arrendar-me as terras, porque diz que de taes arrendamentos quasi sempre veem no futuro duvidas e *pendangas*, (*) e que tinha muito medo de demandas. Eu assegurei-lhe que só queria ganhar minha vida, e nada mais. Depois de algumas outras duvidas, que eu resolvi, cedeu-me a posse de algumas braças de terra, com a condição porém de que não plantaria arvores de espinhos.....

- E para que, se elle as planta ?
- Prometti-lhe que não as plantaria.
- Boa duvida. Passou-lhe o papel de arrendamento ?
- Ei-lo, disse Justino mostrando o papel.
- E quer a casinha de palha ou de telha ?
- Como julga melhor ?

(*) O vulgo toma esta palavra por demanda ou chicana. Todavia não é essa a sua significação.

— Melhor, quanto ao preço, é a de palha; mas quanto á duração é a de telha; isso é sabido.

— E ha telha aqui perto?

— Muito perto: aqui na fazenda dos Jesuitas.

— Então seja de telha. E os mais arranjos?

— Temos tudo junto á porta.

— Bem, bem.

— De tarde iremos á casa de um sugeito, aqui perto, (o dono da outra fazenda cujo filho lá está na cidade estudando para ordenar-se....)

— Ah! lembro-me.

— Pois sim: esse vender-lhe-ha a madeira, e mandar-lh'a-ha pôr aqui á porta. Deixe, que tudo se ha de arranjar, e a seu gosto.

— E carpinteiro para a obra?

— Este serei eu.

— Ah! pois é official de carpinteiro?

— Official não, pois nunca aprendi o officio; mas por curiosidade fui-me atirando a elle, e trabalho. Até minha filha tambem me ajuda o seu tanto ou quanto: serra, aplaina, etc., etc.: mas isto é só nas obrinhas que eu faço cá em casa.

— Muito obrigado.

Nisto, Maria (a mulher de Filippe), que tinha posto o jantar na mesa, chamou a seu marido para jantar; e voltando-se para os hospedes, disse:

— Vms. não arreparem; isto é jantar de pobre.

— Oh minha boa senhora! eu não sou de cere-mônias.

Maria e sua filha retirárão-se. Os tres puzerão-se á mesa a comer e a conversar.

Agora vejamos quem é o homem que arrendou as terras a Justino e ao seu companheiro.

Entre os crespos rochedos da Ponta-Negra (distante da barra do Rio de Janeiro poucas leguas), e a pequena collina em que se assenta a igreja de Nossa Senhora de Nazareth de Saquarema, dosten-de-se sobre a costa do oceano uma pequena praia desabrigada e exposta a todos os ventos, e mui principalmente áquelles que da parte do Sul quasi sempre com impetuosidade soprão, e soprão com medonhas rajadas. Entre o oceano e as lagôas de Saquarema e Jacuné, da collina onde está a igreja de que ha pouco fallei, o os rochedos da Ponta-Negra, mais ou menos arenosa, mais ou menos coberta de collinas, mais ou menos adaptada á lavoura (excepto junto da praia, onde as arêas so amontoão em comoros), espraia-se uma restinga chamada a restinga de Saquarema.

No tempo em que succederão estas cousas que o narrador vos conta, nenhum lavrador cultivava esse

arceiro, quasi todo ingrato á laboriosa enxada. Os estabelecimentos ruraes erão então além das lagôas ditas. Alguns pobres pescadores, que trabucavão a vida já sobre as ondas do oceano, e já sobre as aguas das lagôas, bastante piscosas, erão os unicos e pacatos habitantes dessa terra, quasi estéril e maninha.

Entre estes pescadores, o velho Baptista era o mais abastado, isto é, possuia mais redes que os outros, e maior que as delles era a sua canôa. Dous filhos, um de 16 annos de idade, e outro de 14, ajudavão ao velho em seus piscatorics trabalhos.

Um dia, erão 3 horas da tarde, a tempestade preparou-se no céu; ao entrar da noite desceu sobre a terra, e com desesperado impeto cahiu sobre os mares. O vento *brisou* (*), e *brisou* com desabrimento! Os relampagos luzirão, e luzirão com chamma de raio! A chuva cahiu, e cahiu com aguas de deluvio! e enquanto os trovões batião os céos, o peso da borrasca despedaçava os mares! A noite cresceu, e a tormenta casou-se com a sua tenebrosidade; e assim casada, requintou o seu tremendo furor! Mas a noite fugiu, e a procella ficou! O dia appareceu, e se foi deslizando medonho, e opprimido pelas sombras da tormenta!

Pela volta das nove horas, para o sul, longe, em um horisonte ennegrecido, lá, onde parece que o céu firma sobre os mares o peso de sua vasta abobada, um ponto negro tingia levemente o horisonte. Uma hora depois, menos escuro, seu vulto era maior, mas ainda indefinivel: dir-se-hia uma aza de gaivota, que, á flôr das ondas, vagarosa se escoava; mas os pescadores havião dito que o ponto negro era um navio, e agora dizião que o navio demandava a praia, impellido e acontado pela borrasca! Pouco depois elle dizião: « Só traz uma vela.... vem todo desarvorado! »

Dahi a pouco o navio arfava junto da praia, quasi encalhado. O velho Baptista dizia a seus filhos e collegas:

— Não poderemos nós salvar a estes pobres homens?

— Como, meu pai? E' impossivel! Não vê que maretas se levantão na praia?!

Assim dizia um dos rapazes, e acrescentava o outro:

— Fu duvido que escape um só dos que veem neste navio....

(*) Locução vulgar — Brisar — por ventar mui rijamente.

—Que desgraça! exclamava o velho. Meus filhos, rezemos, e peçamos a Deus por elles.

O velho e seus filhos ajoelharão-se, e dirigirão aos céos as suas orações em favor dos nautas em perigo. Deus ouviu, porque Deus ouve as orações dos bons; mas a ordem providencial havia ha muito resolvido a respeito destes navegantes, e ella ia cumprir-se. Fimda a supplica, os tres e mais alguns pescadores descêrão á praia. O navio encalhou. Sobre a sua pôpa ergueu-se, com espantoso bramido, uma serrania de mar.... ergueu-se, e sobre o naufragado navio desabou! Os pescadores lançarão um grito de terror! os rapazes, como assombrados, taparão os olhos com as mãos! A onda, rolando por sobre o navio, quebrou-se na praia, depondo nella espumas, corpos de homens e destroços do barco: a espuma ficou sobre a arêa, mas os destroços e os corpos humanos, esses de novo voltárão ao mar no tremendo refluxo da onda impetuosa!

Acaso um corpo involto na onda, e debatendo-se com a morte, acertou de cahir n'um alfaque: a onda começou de recuar em seu refluxo, escoando-se por cima das bordas do alfaque; sobre a borda é que rolava o corpo, mas a agua que o rodeava, e cobria essa borda, não era bastante para de novo o arrastar consigo; se uma mão salvadora ahi o acode, poderá ser salvo, emquanto nova onda sobre o alfaque se não vier despedaçar: mas já ella se levanta, e furiosa, rugindo, vem arrancar á praia a misera victima, cuja affrontosa morte um acaso demorou por alguns instantes. No entanto Baptista e seus filhos correm em favor do naufrago.... elles correm, e força lhes é correr a bom correr, para que possam evitar o temeroso encontro da onda que pavorosa ahi vem! Deus protege os bons desejos: elles travão do quasi moribundo naufrago; a onda ahi quebra com furor seu impeto, e com murmurio de morte, cobrindo a praia com uma prateada simbria de espuma, lambe de leve os pés dos tres salvadores, como se humilde e grata pela bella acção viesse beijar as plantas áquelles que havião posto em risco a sua vida para salvarem a de um miscrando naufrago!

Como se a tempestade se houvesse picado com todo o seu furor contra esse navio, que na praia se desmantelava, começou ella a declinar desde esse momento. Pela volta da tarde a natureza estava tranquilla.

Baptista, levando para sua choupana o moribundo, o qual elle e seus filhos arrancárão ás ondas, não recolheu senão um quasi cadaver; por-

que, attento o logar e falta de meios, era impossivel que o naufrago escapasse á morte que lhe devia causar um grave ferimento no alto da cabeça. E' que a primeira onda que na praia havia abafado o barco lhe tinha quebrado todas as guarnições e adornos da popa, e arrancando-lhe o leme, já despedaçado, uma lasca feriu o nauta, que sem sentidos rolou involto na onda, e assim veio ao alfaque, de onde o tirárão o velho pescador e seus jovens filhos.

Por diligencias destes tres, o moribundo voltou a si, mas não se pôde levantar; elle sabia que seu ferimento era grave, e comprehendeu que seu fim não estava longe. Agradeceu a seus salvadores os soccorros que lhe procuravão, e declarou-lhes que tudo era inutil, pois que seu fim estava proximo. Depois disse aos tres que emquanto o navio se não despedaçava, procurassem algum meio de nelle penetrarem; que na camara, em um camarote que lhes indicou, havia uma porção de dinheiro seu, que, se o pudessem salvar, lh'o dava de boa vontade.

O seguinte dia amanheceu bello e risonho, como um dia da primavera: o vento estava secegado, o mar bonançoso, o ar sereno, e o céu claro, puro e brilhante. O navio ainda estava inteiro. O velho Baptista não sahio do lado do moribundo: elle não ignorava que se o navio naufragado se despedaçasse, perder-se-hia o thesouro que lhe fôra dado: o naufrago, que disto perfeitamente sabia, fallava-lhe nisto, e dizia-lhe que fosse ver se salvava esse dinheiro; a que o bom velho pescador respondia que primeiro convinha salvar a elle enfermo.

Não é pois verdade o que se diz dos pescadores em geral, ácerca de sua falta de humanidade. Julgar de uma classe inteira por alguns individuos della, é um juizo precipitado, imprudente, e quasi sempre falso: não obstante, o mundo é assim que julga, e nem razão ha para reprehendê-lo de um tal juizo. O mundo vai sempre bem. Dexemo-lo ir.

O leitor não se admirará da caridade do velho Baptista; tambem o narrador não, e no entanto ella não é vulgar.

O naufrago disse então ao velho Baptista que visto não querer elle ir, mandasse seus filhos; e elle mesmo mandou os rapazes, explicando-lhes o como se devião haver.

Forão, o navio estava já todo aluido, a agua da coberta se havia escoado toda pelas immensas feudas que o mar tinha feito: o porão,

sim, é que estava cheio d'agua. Os dous rapazes penetrarão até á camara; e no camarote designado acharão um cofre, que, não podendo mover, arrombáráo, e todo o ouro e prata que dentro havia leváráo para a sua canôa, e d'ahi para casa. Apresentado ao enfermo este dinheiro, elle, sem a menor commoção, perguntou aos rapazes se tinham trazido todo; e certo de que ali estava todo, disse ao velho que dispuzesse daquelle dinheiro como lhe aprouvesse, e que ali estavam trinta mil cruzados. Dozo contos de reaes! Hoje é um principiozinho de vida; naquelle tempo trinta mil cruzados era uma fortuna!

Pela noite a febre devorava o enfermo; mais tarde o tetano declarou-se: dous dias depois feito foi delle. O velho Baptista e seus filhos, segundo as circumstancias do lugar, fizerão o seu enterro. O velho mandou suffragar sua alma, e dividiu por alguns pescadores algum dinheiro, recommendando-lhes que rezassem por alma do naufrago que em sua casa morrêra.

Poucos mezes depois, Baptista, levando comsigo seus filhos, Antonio Baptista e João Baptista, mudou-se desse lugar, com os seus vinte e cinco mil cruzados, que é o que lhe havia ficado depois do enterro do naufrago, e suffragios que por sua alma fizera.

Nas immedições do Rio de Janeiro comprou o

velho uma situação, onde começou a viver mais commodamente: ahi mandou melhor educar seus filhos; mas teve o desgosto de perder seu filho mais velho, Antonio Baptista. Seu segundo filho, João Baptista, depois de algumas viagens por alguns logares da provincia do Rio de Janeiro, voltou para seu pai, já ao depois dos seus trinta annos. Este filho cerrou as frias palpebras a seu pai; e estabelecido no sitio que delle fôra, casou-se aos trinta e oito annos de sua idade. Um anno depois teve elle o prazer de ser pai. Os bens de João Baptista, augmentados consideravelmente com o dote de sua mulher, e tendo de mais a mais corrido bem as suas cousas, aconteceu que o pequeno sitio da Jurujuba não fosse já sufficiente para suas forças. Dous annos depois de casado comprou uma fazenda, cujas terras confinavão com as de Campos-Novos; mas não pôde effectuar logo a sua mudança por causa da enfermidade de sua mulher, e da qual morreu; de modo que Baptista só gozou as virtudes de sua bonita esposa tres annos. Então, contristado por este golpe, poz um administrador na fazenda, e elle mudou-se para a cidade, onde ficou alguns annos, indo uma vez por outra ver a sua fazenda; mas em 1737, deixando Rosa Branca, sua filha, que tinha mais de treze annos, á sua cunhada Rosa, que a tinha criado, mudou-se definitivamente para a sua fazenda.

João Baptista era a bondade personificada.



CAPITULO V.

HISTORIA.

Os vellos delectão-se em contar o passado, como os moços o presente: ambos mentem; mas em todo o caso antes as mentiras dos vellos que as dos moços.

Depois do jantar os dous hospedes dormirão uma boa sésta, e não se levantarão senão perto da noite. Filippe, vendo-os entrar na sala, disse-lhes:

— Com effeito! os senhores daqui a pouco, quando se forem deitar, não hão de ter somno.

— Havemos de ter, sim, senhor, respondeu Pedro. Tambem eu estava tão tresnoitado, que não podia ser por menos.

— Tambem eu, disse Justino. Já vejo que emquanto dormimos Vm. esteve trabalhando?

— Aqui concertando esta tarrafa.

— Onde pesca aqui?

— Na praia do oceano, aqui vizinha, e nas vallas, quando teem bastante agua; porque então teem algum peixe.

— E o que são as vallas?

— E' que aqui na fazenda dos padres da Companhia ha campinas immensas, mas muito baixas. No tempo das copiosas chuvas estas campinas tornão-se em um grande mar, e a agua cresce ao

ponto de morrerem muitos animaes afogados: além disto, a agua que ficava estagnada fazia grande damno: que fizerão os padres? abrirão grandes vallas, e uma maior que vai dar á praia, para dar esgoto a todas as vallas que recebem as aguas de toda a campina. A grande valla, quero dizer, a maior de todas, e que vai sahir ao mar, é assim mesmo o leito de um riozinho; de modo que no tempo da cheia nega passagem, e corre com um impeto que espanta e causa medo.

— Todavia! que obra!

— Oh! é obra de Jesuitas!

— Ora bem: emquanto remenda a sua tarrafa, disse Pedro, póde contar-nos a sua historia, segundo nos prometteu.

— Ah! sim; pois eu lh'a conto: mas noté que quando conto os meus acontecimentos, sou alguma cousa minucioso, e trago as cousas de muito longe, de maneira que conto a minha historia *des dos ovos de Leda*.

— Temos muito gosto em ouvir tudo, disse Justino.

— Pois bem : nesse caso prestem atenção, disse Filippe.

« E' sabido por todos, ou por quasi todos, que em 1542 o nosso patricio Mendes Pinto foi casualmente aportar ao Japão. O lugar em que elle aportou era uma ilha pertencente a um tal Nantanquim: quando o Japonez soube que os estrangeiros recém-chegados erão vassallos de El-rei de Portugal, é fama que dissera: — Recejo que estes estrangeiros sejão os annunciados em nossos antigos livros, os quaes, voando sobre os mares, se tornarão senhores de todo o mundo: seremos pois muito felizes se elles quizerem ser nossos alliados.

« Nantanquim perguntou a Pinto se os Estãdos de El-rei de Portugal erão mais vastos que o império da China: Pinto affirmou-lhe que sim. Perguntou-lhe mais se era certo que El-rei de Portugal tinha conquistado a maior parte do mundo: respondeu-lhe Pinto que era verdade. Perguntou-lhe ainda se era verdade que seu rei possuia duas mil casas topetadas de ouro... (vejão que idéa se fazia por lá do nosso soberano!) Pinto respondeu que *não havia logar que contivesse os thesouros de seu senhor!*

« O nosso patricio tornou-se extraordinario, e ainda mais por meio de uma arma de fogo que comsigo levava, causando ali a mesma admiração e espanto que causára o Caramurú na Bahia.

« Ora, visto fallar de Pinto, motor da nossa entrada no Japão, creio que assenta bem aqui contar uma aventura deste na côrte d'el-rei de Bungo, se é que não a sabem....

— Não, não a sei, disse Justino.

— Desejo ouvi-la, disse Pedro.

— Pois bem: Nantanquim advertiu a el-rei de Bungo da chegada dos Portuguezes. Este rei soffria da gotta, e crendo que os Portuguezes, tão celebres no Oriente, o curarião, os mandou vir á sua côrte. Pinto foi bem recebido, e dizem que com effeito curou, ou pelo menos fez que o dito rei tivesse muitas melhoras.

— E com que o curou? perguntou Justino.

— Com uma ou mais raizes que levára da China..

« Algum tempo depois o principe herdoiro quiz, contra a vontade de Pinto, dar um tiro do espingarda. Ignora-so o porque descuidou-se Pinto, deixando o joven principe carregar a espingarda sem conta; o certo é que a carregou do tal guisa.

que quando disparou a arma, arrebentou-se á força da explosão, e o moço principe, ferido na cabeça, cahiu sem sentidos. Immediatamente espalhou-se a noticia do acontecido; Pinto, vendo o principe estirado no chão como morto, lançou-se a elle para ver se de effeito tinha morrido. Neste comenos chegão El-rei, a rainha e toda a côrte, e vendo o principe no chão sem vida, e Pinto coberto de sangue, e inclinado sobre elle, entenderão que o Lusitano o tinha assassinado. Pinto ia morrer. Já dous soldados erguião seus ferros sobre sua cabeça, quando El-rei os deteve, para conhecer o motivo de um tal attentado. As testemunhas declararão que a arma encantada havia morto ao principe, e que o estrangeiro merecia a morte. O rei quiz ouvir o culpado; veio um interprete, e Pinto, bem amarrado, no meio de cinco carrascões já promptos, foi conduzido ao tribunal.

« Então o Bonzo presidente, chamando-o filho do diabo, perguntou-lhe que motivo o havia induzido a assassinar uma criança. O coitado estava fóra de si, e não ouviu a pergunta. O Bonzo, dando-lhe uma bastonada, fê-lo voltar a si. Pinto protestou por sua innocencia; mas nada lhe valeria, se o principe não tornasse a si de seu longo desmaio: com effeito abre os olhos, e pasma de ver sua familia em lagrimas, juizes, carrascos e um povo furioso que pede a morte de Pinto. Senhor de tudo, o principe declara a seu pai que elle foi o unico causador deste incidente, e pede que immediatamente mande pôr o estrangeiro em liberdade.

« Os Bonzos chamados para curarem o principe achão as suas feridas tão profundas, que as declararão incuraveis: outros medicos são da mesma opinião; mas o principe pede que o deixem só com Pinto, em que elle deposita a maior confiança possível. El-rei promette a Pinto tudo, se elle lhe restituísse seu filho: Pinto sonda as feridas, e reconhece que não são mortaes: entretanto os Bonzos, temendo a perda de seu credito, ou pelo menos um grande abalo nelle, se o Portuguez curasse o moço, protestarão que o principe morreria se o estrangeiro tocasse em suas feridas accrescentando que essa morte seria sem demora; e que para apaziguar os denses era mister sacrificar o culpado. El-rei hesita se deve ou não seguir o parecer dos Bonzos; o principe insta com seu pai, e urge em favor de Pinto: finalmente el-rei move-se, e Pinto começa a cura, que em menos de quinze dias estava quasi feita, e pouco depois não restava das feridas senão as cicatrizes.

« El-rei de Bungo encheu a Pinto de favores, e nem o viu partir sem grande pezar.

« Aberto, por assim dizer, por Pinto, o Japão aos Portuguezes, bem depressa voltarão elles a este rico paiz para se assenhorearem de seu commercio.

« Chegando pois ali dous mercadores portuguezes, tiveram por gazalhado uma casa em muito má reputação, pois nella apparecião (como é fama), lá pela alta noite, espiritos malignos; e corre que elles mesmos affirmarão que na primeira noite foram não pouco incommodados; mas que na segunda, tendo pintado sobre as paredes algumas cruzes, dormirão tranquillos. El-rei quiz logo conhecer um signal que tinha tão efficaz virtude, e os dous mercadores mui grosseiramente lhe explicarão os mysterios do christianismo. Acreditava então El-rei que seus vassallos erão, sem descontinuar, atormentados por estes espiritos, e portanto mandou erigir cruzes por toda a parte, e sem muita demora enviou uma embaixada ao visorei das Indias pedindo-lhe doutores de sua lei. Algum tempo depois o memoravel padre Francisco Xavier com outros desembarcou em Saxuma.

« Não faltava a este piedoso padre o ardor na conversão dos Japonezes: elle o tinha até por demais; mas infelizmente ignorava a lingua do paiz, o que lhe era demasiado embaraço. Dizem que em uma carta sua dissera: « Se eu soubesse o japonês, fico que muitos dellos abraçariam o christianismo. » Alguns Japonezes, é verdade, admiravam seu exterior pobre, sua vida penitente, seu desinteresse, etc.; mas a mór parte delles desprezavam um homem que não sabia fallar, ou fallava mal a sua lingua.

« Os Bonzos, cujos idolos elle queria destruir, empecião a sua piedosa empreza, e por isso pouco fructo tirou, em Saxuma, de sua prégão. Por ultimo teve a dôr de ver o rei prohibir a seus vassallos, sob pena de morte, que abandonassem suas antigas divindades. Em 1552 Xavier veio para Méaco, onde não foi mais feliz, e onde teve o desprazer de ver-se ridicularisado pela gentallia.

« Enojado então do desprezo que lhe attrahião seus pobres o humilhes habito, tomou novos vestidos de ricos estofos, alugou criados, e apresentou ao mesmo tempo a pompa de um bispo, ligada á sumptuosidade de um enviado do visorei das Indias! Com as mãos carregadas de preciosos prosentos, e também não pouco curiosos, seguido de um numeroso sequito, apresentou-se Xavier diante de El-rei d'Amanguesi, lhe entregando uma carta do

visorei das Indias, como um testemunho de sua amizade. Este principe, movido pelos presentes do missionario, consentiu que prégasse; e em menos de um anno o respeitavel apostolo das Indias tinha convertido mais de tres mil Japonezes! Ora, direi de passagem que eu não sou fanatico pelos padres da Companhia de Jesus, e nem por cousa alguma; mas cumpre confessar que este ardor, este zelo, este sublime desejo da propagação da fé, destes valentes guerreiros da igreja, é talvez a mais bella, a mais gloriosa de todas as illustres partes que ennobrecem a Companhia de Jesus.

« Xavier retirou-se, deixando em seu logar o jesuita Torres. Os Bonzos empregarão seu credito para que El-rei impedisse os progressos do christianismo; e como não lograrão um exito feliz, começaram de excitar a revolta a um dos senhores da côrte: este pois levantou tropas, e investiu ao palacio. O pobre monarcha, exlausto de recursos, apunhalou seu filho com sua propria mão, ordenou que lançassem fogo ao palacio, e por fim rasgou as entranhas a si mesmo!

« Os rebeldes fizeram correr o sangue dos novos christãos; mas os missionarios tiveram a felicidade de se salvar durante o motim. Xavier tornou para o reino de Bungo, cujo rei o recebeu muito bem, e até admirava a moral da doutrina que elle prégava; mas excessivamente amante das mulheres, não se pôde resolver a abraçar uma religião tão austera: todavia, consentiu que Xavier a prégasse, e que seus vassallos a seguissem; mas as intrigas dos Bonzos fazião que as prégões evangelicas tivessem pouco ou quasi nenhum resultado prospero. Xavier, vendo que a religião christã não prosperava, segundo os seus desejos, voltou suas vistas para a China, pois que desejava levar áquellas regiões as luzes do Evangelho: não pôde porém fazê-lo, porque a morte o colheu na ilha de Sanciam, desde então celebre por este acontecimento.

« Por este tempo o imperio do Japão achava-se dividido em pequenos estados, cujos soberanos erão competidores em poder, e emulos em gloria. Com o fim de augmentarem seu poder e riquezas, elles favorecião o commercio portuguez, e recebêrão benignamente os seus missionarios, cuja doutrina ia solapando, no animo do povo, o credito dos Bonzos que se haviam tornado formidaveis a estes pequenos soberanos, pelo imperio que exercião sobre a multidão. Assim, em troca do alcanfôr, da seda crúa, de varias télas, do assucar, do cato, do borax, espelhos, coral, ambar, etc., exportavam os Portu-

guezes do Japão o valor de mais de dous milhões de ouro, prata e outras mercadorias. Além disto aquelles que ali se querião estabelecer esposavão as moças mais ricas do paiz; suas filhas devião tambem esposar os commerciantes portuguezes, e dest'arte o commercio se devia perpetuar em suas mãos. Era um máo calculo, porque um tal procedimento devia, ou mais tarde ou mais cedo, despertar ciumes nos nacionaes, e excitar seu odio, o que com effeito aconteceu.

« Por este mesmo tempo chegarão ao Japão missionarios instruidos da lingua japoneza, e em mui pouco tempo o numero dos proselytos era immenso! mas a verdade exige que se diga que se estes missionarios erão homens sabios e talentosos, nem por isso erão os mais pios e mais virtuosos; e assim bem depressa perdêrão a confiança de seus neophytos, por causa de seu procedimento, onde se notava um interesse cego, a falta da união, a ausencia da humildade, e absoluta carencia de paz e de caridade, virtudes estas que tanto devem realçar nas almas christãs! Os Bonzos, sempre inquietos ácerca dos progressos da nova religião, suscitavão perseguições contra os christãos: mas a constancia dos martyres, sua alegria no meio dos mais crueis supplicios, seu ardor até pelo martyrio, enchendo de admiração os idolatras, lhes inspiravão um ardente desejo de conhecer uma doutrina, cujas maximas davão tanta força a seus sectarios, tornando-os quasi sobre-humanos! »

« Eu creio que os senhores conhecerão a fórmula de governo do imperio do Japão? »

— Não, senhor, eu ignoro-a inteiramente, respondeu Justino.

— E tambem eu, disse Pedro.

— Pois bem, continuou Philippe; nesse caso basta sabermos que o Japão tinha uma monarchia despotica; o imperador, cujo titulo era o de Dairi, possuia ao mesmo tempo o poder espirital e temporal. Este rei-pontifice era um personagem sagrado, tido e havido como um descendente e representante dos deuses.

« Em o seculo XI o Dairi, mais zeloso do poder espirital que do temporal, dividiu o imperio em muitas provincias, cujos governos entregou aos senhores mais sabios e poderosos da nação; o como desde a origem da monarchia toda a milicia ostava ás ordens de um chefe com o titulo de Cubo, o Dairi não confiava este importante cargo senão a mãos mui habéis, e por demais seguras; quasi sempre

as graves funções de Cubo recahião em seu segundo filho.

« Aconteceu que um certo Joritomo enjôou-se de obedecer a um monarcha indolente; e, como era elle o Cubo, facilmente tornou-se senhor da monarchia. A guerra arrebentou por toda a parte; os governadores usurpárão as provincias que governavão, o assim convertêrão-se em pequenos reis. O Cubo triumphou do Dairi, e o reduziu ás funções sacerdotaes, e ao vão titulo de Dairi. De então por diante todo o poder existe nas mãos do Cubo, e o Dairi não passa de um vão personagem, sem poder algum, e cheio de uma ridicula vaidade! »

— E em que consiste a sua vaidade? perguntou Pedro.

— O Dairi reside em Méaco, respondeu Philippe; esob o pretexto de velar por elle, o Cubo conserva sempre em torno de seu palacio uma guarda que lhe não consente dar um passo fóra d'elle; e, como o Dairi nenhum poder tem, é o Cubo quem provê, e abundantemente, as suas necessidades. Todavia, ha, não obstante, algumas outras cousas que engrossão o seu thesouro. Emquanto o Cubo governa o paiz com o maior despotismo possivel, o Dairi, encerrado em seu palacio, ufana-se de ridiculas honras. Elle tem-se em tão alta conta, fórma tão elevada idéa de sua santidade, que acreditaria profana-la se tocasse a terra com uma das pontas de seus dedos; e por isso anda sempre carregado. Não julgando o sol digno de luzir sobre sua cabeça, já-mais apparece de dia. Elle reputa de tanto preço todas as partes de seu corpo, e ainda as menores, que é só durante o seu somno que lhe cortão as superfluidades de suas unhas e barbas. Acreditando que a tranquillidade do Japão depende unicamente de suas vistas, colloca-se todos os dias pela manhã sobre o throno, em uma perfeita imbomilidade; se com effeito não se move, os Japonezes nada teem que temer; mas se por qualquer accidente volta os olhos, devem os Japonezes temer grandes desgraças na provincia, para a qual elle os voltou. Apesar porém de tanta santidade, o Dairi come; mas a baixella em que é servido é logo inutilizada, porque os Japonezes creem que será desgraçado o mortal que della servir-se. Esta santa magestade toma doze mulheres, o reparto as honras do throno com a que é mãe do principe herdeiro. Entretanto, apesar de tanta e tão ridicula vaidade, os Japonezes pouco se importão com esta côrto. Estes soberanos nascem, reiñão, succedem-se, abdicão, e morrem, sem

que os vassallos se importem com isso ! Agora que temos algumas luzes sobre estas cousas do Japão, sigamos os acontecimentos, e vejamos o que foi parte para a ruína do nosso commercio nesse grande imperio, e para a destruição da christandade. Sigamos pois.

« Assim estavam as nossas cousas, no Japão, no melhor pé possível : florescia o nosso commercio, e dilatava-se a nossa religião, quando uma revolta abalou todo o imperio. Mioxindona, rei de Imori, ingrato aos immensos beneficios que do Cubo Jositio tinha recebido, apodera-se do governo. Convem declarar que o Cubo, desconfiado dos ápres-tos que fazia o rei de Imori, e avisado da traição, fugiu : distante meia legua de Méaco lhe representarão o quanto era infame fugir de seus vassallos. Elle volta, os rebeldes lanção fogo ao seu palacio ; intrepidamente elle abre um caminho pelo meio das chammas, seguido apenas de duzentos companheiros ; mas tendo rompido o fogo, não pôde romper as cerradas columnas dos rebeldes ! Então batem-so com denodo, todos os seus morrem, e olle morre tambem como um verdadeiro heróe !

« Por este tempo reinava sobre uma parte do Japão um destes homens extraordinarios, em quem tudo é grande, e as vezes até seus vícios ! Guerreiro impavido, conquistador ambicioso, rei magnifico, genio árdido, espirito penetrante, inimigo implacavel, mas franco, generoso e desinteressado, elle preferiu a gloria de fazer imperadores á de ser elle mesmo !

« Propuzerão-lhe que collocasse sobre o throno o seu legitimo herdeiro. Noba-nunga reúne suas tropas, acommette os rebeldes, vence-os, e colloca sobre o solio de seus antepassados, onde o firma, a Cavadono, seu herdeiro legitimo.

« Ora, como o Cubo Jositio, a victima dos rebeldes, protegêra a religião christã, os Bonzos derão todo o auxilio aos sediciosos. Noba-nunga o soube, e tomou aos Bonzos uma de suas casas para hospedar o principe, pois seu palacio havia sido devorado pelas chammas. Querendo edificar um novo palacio, escolheu para isso um terreno sagrado, e presidia elle mesmo ás obras. O povo, á seu exemplo, tomou parte nas obras deste palacio.

« Os Bonzos, reclamando os seus privilegios, recusarão prestar suas mãos sagradas a um edificio profano ; mas Noba-nunga os forçou a obedecerem. Depois faltou a pedra para a obra ; Noba-nunga força os Bonzos a demolirem alguns de seus templos mais vizinhos, e a carregarem elles mesmos os mate-

riaes para a construcção do palacio imperial. Ainda mais, ordenou a estes sacerdotes fanaticos que construíssem outro palacio para elle mesmo ; foi dito e feito. Os Bonzos, bramindo em seu impotente furor, ameaçãrão Méaco com uma proxima ruína. — Tanto peior para elles, disse Noba-nunga ; porque se verão forçados a reedificarem Méaco. — Não obstante, o povo tremia ácerca destes sinistros presagios ; mas o valente monarcha de Voary, superior a tudo, dizia : — Tranquillisai-vos, Méaco não é uma aldêa, cuja destruição seja obra dos Bonzos : quanto ao céo, não tenhais cuidado, porque não tomará a peito a causa de uns personagens taes como são os Bonzos. »

« Meus amigos, os reis quasi sempre se perdem não por si, mas por causa dos vis aduladores que os cercão, e que, interpostos á verdade e ao throno, embaração que aquella chegue aos pés deste. A cousa mais estranha que pôde apparecer ante os reis, se por ventura o pôde, é a verdade ! Os reis não são felizes, regra geral, e não o são, uns por serem máos, e outros por serem bons : os que não são felizes por serem máos, é porque são máos ; os que não o são, sendo bons, é porque teem validos e cortezãos ; isto é, porque vivem rodeados dos inimigos da verdade. Ora, eu não sei se o homem julga que o beneficio o rebaixa, ou se por sua natureza nasceu ingrato ; o certo é que quasi sempre o é. Deixemos estas reflexões, e sigamos.

« Os cortezãos de Cavadono persuadirão-no que se livrasse de Noba-nunga ; e o imprudente, sem mais exame, fez sentir ao heróe que elle era seu senhor ; e ás queixas apresentadas por este, elle respondeu expellindo-o de sua capital e a todos os seus. Tudo isto erão manejos dos Bonzos. Emfim, Cavadono declarou a guerra ao seu bemfeitor, áquelle que o havia posto e firmado sobre o throno de seus antepassados !

« O generoso Noba-nunga, seguido de 50,000 guerreiros, marcha contra Méaco : quatro dias inteiros demora-se diante de suas portas : mais humano que vingativo, representa a Cavadono a sua ingratidão ; e mais generoso que guerreiro, manda-lhe offerecer a paz ! Vendo porém desdenhosamente repellidas as suas proposições de paz, enche-se de um profundo pezar.

• « Os suburbios de Méaco desaparecem consumidos pelas chammas : os habitantes da cidade baixa supplicão humildes ao guerreiro que os preserve do saque ; elle assente ao seu pedido : os da cidade alta conduzem-se com altiveza ; mas são to-

pellidos com desdem. Entretanto Cavadono, encerrado na cidadella, vê insensível todas estas desgraças. Noba-nunga leva tudo de vencida; o incendio e a destruição assignalão a passagem de seus soldados, e elle, como vencedor, apresenta-se diante da cidadella. Cavadono pede finalmente a paz. O heróe, movido da fraqueza de seu character, lhe conserva o titulo de imperador, e reserva para si todo o poder. Repentinamente deixa a capital, sem querer avistar-se com Cavadono; porque sua presença era reclamada em seus estados, acommettidos, durante sua ausencia, por alguns vizinhos inquietos: mas chegar e vencer, foi tudo a obra de um momento. Elle pôde dizer como Cesar:—Cheguei, vi, e venci.

« Assim estavam as cousas do Japão: o christianismo fazia tantos progressos, que em 1685 com grande admiração de toda a christandade viu-se chegar a Roma uma embaixada japoneza, mandada pelos reis de Bungo e de Arima, e pelo principe de Omura, a render ao papa as suas homenagens! Tudo induzia a crer que este imperio ia ser inteiramente christão! Mas era o derradeiro clarão da luz, que vacilla proxima de seu fim!

« Noba-nunga desceu ao tumulto, o sua morte encheu o Japão de immensas desgraças!

« Faxiba, nascido simples camponez, o tendo, pelo seu valor, vindo a ser general dos exercitos de Noba-nunga, declarou-se tutor de seu filho, orphão, e ainda no berço: esto celebre soldado da fortuna fez com que o Dairi lhe dêsse o titulo de Combacú, o depois o de Cubo: todo o imperio o reconheceu, todos os reis sujeitáram-se, afóra os reis do Ava o do Micava que não puderão resignar-se a ver sobre o throno um homem de tão baixa estôfa: assim ligados contra elle, lhe declararão guerra.

O Combacú levantou um exercito de sessenta mil homens, o obrigou a seus inimigos a se encerrarem em um castello, collocado em uma floresta, situada no meio de um profundo vallo. Faxiba fez immediatamente levantar uma muralha em um lugar, unico que podia dar sahida ás aguas; o desviando o curso de um rio, que passava acima da floresta, o fez entrar no vallo. Pouco a pouco as aguas forão subindo; depois chegarão ao pé do muro do castello, o successivamente se eleváram. Temendo de serem engolidos pelas aguas, os dous reis renderão-se á discreção. Faxiba lhes concedeu a vida, mas privou-os de seus dominios, não lhes deixando senão um muito modico rendimento.

« Tem-se pensado que o odio dos Bonzos ao christianismo, e a fraqueza dos novos christãos japonezes forão a principal e unica parte para as desgraças que a religião christã soffreu no Japão: não tanto assim: houve em verdade odio, e muito odio dos Bonzos, intrigas, e talvez travessuras da côrte, mas houve muita imprudencia, e ainda desmanchos da parte dos missionarios.

« Faxiba, por meio da mais cavilosa e perversa politica, tornou-se o mais terrivel senhor, e o mais formidavel despota! Para assegurar a sua tyrannia, cimentou-a com leis de sangue. As faltas de policia convertêrão-se em crimes de estado, um dito imprudente em crime de lesa-magestade! emfim, a perseguição foi erigida em lei! Tal foi o estado deploravel a que chegou o imperio do Japão!

« O numero dos christãos era já immenso, e muitos dos reis vencidos o erão. O imperador tolerava apenas uma religião severa, que lhe imporia o dever (se elle a tivesse abraçado) de ser justo, humano e benefico para com seus vassallos, e o forçaria a renunciar uma multidão de mulheres que lhe prodigalisavão sua ternura. Entretanto os Bonzos não só lho deixavão um livre curso ás suas paixões, como até as lisongeavão: isto fez com que Faxiba escutasse facilmente as suas queixas contra os missionarios. Estes tinham desgraçadamente, por seu procedimento, dado não poucos motivos de queixas contra si. Annunciando um Deus pobre e humilde, elles erão avaros e soberbos! Os mesmos novos christãos se molestavão deste procedimento, e se envergonhavão pezarosos de verem seus pais espirituaes darem mais attenção ás suas riquezas quo á salvação de suas almas. Além disto os jesuitas tinham commettido um erro notavel, não querendo restituir a um filho uma casa que o pai lhes havia dado, talvez contra o direito, e que este filho reclamava. Viu-se, com indignação, estes padres tolerarem em seus proselytos o commercio de escravos, que elles ião vender em outras ilhas da India, o consentiram uma avidez excessiva de ganho nas vendas das mercadorias, e uma usura horivelmente escandalosa!

« Os bispos, insuflados do orgulho, julgáram indigno delles o caminhar a pé, como os Apostolos; e por isso erão carregados em soberbos *norimons*: sen fausto o seu sequito bem depressa igualáram aos dos grandes senhores; e tão longe leváram seu orgulho o sua vaidade, que pretendêram a mais elevada jerarchia!

« Um bispo Franciscano, encontrando-se com

um conselheiro de estado, não quiz, segundo o uso da terra, apear-se para saudal-o, e nem sequer parar ! Emfim, esquecerão-se inteiramente de que estavam em um paiz estranho, e onde os mais eminentes presonagens da igreja não podião ser em geral tão bem acatados, como em um paiz perfeitamente catholico.

« Desesperados ao ultimo ponto, por causa do sem numero de neophytos que todos os dias adqueria a religião christã, vendo os novos christãos arruina rem seus templos, destruir em seus idolos, e proclamarem que só a sua religião era a unica verdadeira, os Bonzos persuadirão facilmente ao imperador que padres, cujo procedimento estava em aberta contradicção com a moral e doutrina que prégavão, não erão nem podião ser Apostolos da verdade, mas sim verdadeiros hypocritas !

« Com effeito, o imperador creu facilmente que estes padres cobrião-se com o manto da virtude para occultarem algum tenebroso plano: a contradicção de sua doutrina com suas acções foi parte principal para que elle isto cresse. Assim o imperador notou que as diversas ordens de missionarios disputavão reciprocamente honras e supremacias, o que erão por demais ambiciosos de logares e riquezas. A' vista disto, pensou que estes homens não erão tão desinteressados que não aspirassem á gloria de terem um soberano de sua religião, que lhes assegurasse a pacifica posse de tudo quanto cobiçavão. Além disto temeu que viessem a ser tão poderosos, que pudessem operar uma revolução no imperio em favor do Papa dos Portuguezes, ou de algum rei christão seu tributario, como elle dizia. De outro lado os Bonzos fazião o quanto era possivel para desacreditarem os missionarios. Dous milhões de Japonezes desertados de seus templos, seus deuses destruides, seu culto desprezado, e temendo que o restante do povo fizesse o mesmo, era para elles um negocio em demasia ponderoso ! Aos temores e receios do principe, ao odio e má vontade dos Bonzos, ajuntando-se a inveja e calumnia dos Hespanhóes e Hollandezes, que desejavão arruinar o vantajoso commercio portuguez no Japão, seguiu-se a destruição da pequena christandade destes logares. O imperador resolveu pois perder os missionarios, e anniquilar totalmente a religião christã.

« Os Hollandezes, que ha muito invejavão o nosso commercio no Japão, acertarão de por este tempo chegarem com dous pequenos navios ao porto de Firando: ali pedirão permissão, não só do vende-

rem o seu carregamento, mas tambem de dali por diante commerciare m com os Japonezes, com condições a estes mais vantajosas. Os grandes senhores, pela maior parte, não gostavão dos Portuguezes; e os outros, afóra os christãos, partilhavão os mesmos sentimentos: elles erão mal vistos por causa da sua cobiça no commercio, por causa de sua vaidade, e por causa das perturbações que ao imperio havia trazido a sua religião. No entanto os Hollandezes mostravão-se modestos, graves, comprazenteiros, occupados só de seu commercio, e, o que era mais, não trazendo consigo padres: assim sem custo obtiverão a permissão pedida.

« Ao mesmo tempo chegou á côrte um antigo governador das Filippinas, e offereceu fornecer, com condições mais favoraveis quo as dos Portuguezes, o triplo das mercadorias que estes trazião. O Cubo, que não poupava os Portuguezes senão pelo temor de ser privado dos generos das Indias o da Europa, aceitou suas offertas, com a condição de que não introduzirião nos seus estados um unico padre. Não sendo os Portuguezes pois mais necessarios, o Cubo começou de persegui-los, e causar-lhes quanto mal podia.

« Aqui passarei por alto alguns incidentes, porque o meu fim é tão sómente contar como foi a religião christã introduzida no Japão, e dali banida.

« Algum tempo depois destas cousas, uma guerra, e guerra por demais horrivel, arrebentou entre o Cubo e Fidejori, o verdadeiro imperador, seu pupilo. Os christãos, sempre inclinados aos legitimos soberanos, seguirão o partido do joven Fidejori; este foi vencido. Mais de cem mil christãos perecerão nos combates, e sua religião tornou-se mais odiosa ao imperador; este sobreviveu pouco a uma victoriã que o tornou senhor do Japão; mas seu filho, herdando os estados que elle usurpára, e com elles a sua tyrannia, herdou igualmente seu odio contra os christãos, e sua desconfiança contra as nações européas. Xogun-Sama renovou a perseguição com mais furor ! Nada foi poupado ! Não houve distincção de sexos, de idades, e nem de condições. Torrentes de sangue inundarão os cadafallos; e não poucas vezes se viu expirarem entre chammass, atados ao mesmo poste, filhinhos pendentes do seio de suas mãis !

« Não erão os monarchas e os idolatras do Japão os unicos inimigos do christianismo; não, porque a cobiça dos Hollandezes dirigiu-lhe golpes não menos rudes, não menos profundos ! As calumnias e intrigas dos Hollandezes contra os Portuguezes fo-

rão de tal sorte, que o furor de Xogun-Sama subiu ao seu auge contra os christãos! Para que um só não escapasse ao seu furor, exigiu de cada um de seus vassallos uma declaração da religião que professava. Todos os christãos que estavam presos foram immediatamente mortos no meio das chamas. Uma embaixada hespanhola foi reenviada com desdem. Os portos do Japão foram fechados a todos os estrangeiros, á excepção do de Naganski, para os Portuguezes, e o de Firando para os Holandezes. Os Hespanhóes, os Chinezes e os Coreanos foram banidos. Não se permittiu, nem aos que erão casados com Japonezas, o levarem consigo as suas mulheres, e lhes foi preciso deixar no Japão seus filhos e seus bens! Todos os bens dos christãos foram confiscados. Deu-se providencias para que fossem queimados os navios hespanhóes que surgissem em Naganski. Emfim não houve precauções que se não tomassem para que nenhum missionario dali por diante pizasse mais o solo do Japão!

« Como os Holandezes não lévassem consigo missionarios, bem depressa seu credito se tornou immenso: elles tiveram a habilitade de persuadir á corte de Jêdo que sua religião era em tudo differente da dos Portuguezes. Para chegarem a seus fins accusarão os Portuguezes de ainda introduzirem missionarios no Japão, e de serem espias de potencias estrangeiras que desejavão invadir o imperio. Para serem melhor acreditados, tiveram o cuidado de acompanhar a sua delação com bons presentes; e se obrigirão a levar ao Japão as mesmas mercadorias até ali conduzidas pelos Portuguezes, e em maior quantidade, e por menor preço, se o imperador lhes quizesse conceder o privilegio exclusivo do commercio. O monarcha não conveiu logo, mas lhes concedeu uma inteira liberdade, no entanto que opprimia os Portuguezes com os mais apertados vexames!

Na pequena ilha de Désima, á entrada do porto de Naganski, os Holandezes ajudirão aos Japonezes a construir duas ordens de pequenas casas, destinadas a servirem de habitação aos Portuguezes. Um atterrado, communicando a ilha com a terra, foi guardado pelos Japonezes. Os Portuguezes, chegando, ficaram enlevados de ver esta nova construcção rodeada d'agua! O governador lhes fez saber que aquellas casas seriam sua habitação dali por diante; que se querião negociar deverião entregar suas armas e sua artilharia, que ficarião depositadas em suas mãos, que não entrarião na cidade so-

não acompanhados de uma guarda japoneza; que nada levarião do uso dos missionarios; e que jámais fallarião com os Japonezes sobre religião! Era muito duro, mas a necessidade não tem lei.

« Já veem que os Holandezes havião feito muito, e que devião estar satisfeitos; mas não: querião excluir completamente do Japão o nosso commercio, para que elles o gozassem exclusivamente; para isto arranjirão uma carta que fingirão colhida de improvisa a bordo de um navio portuguez, a qual era escripta por um senhor japonez, chamado Moro, que era christão. Nesta carta estava traçado o plano de uma conspiração tramada pelos christãos do Japão, de mãos dadas com os Portuguezes, e cujo fim era matar o imperador, e mudar o governo do paiz. Na mesma carta se lia o nome de todos os Japonezes que entravão na conspiração. Esta carta foi pelos Holandezes enviada a Jêdo. Correu que outra igual fôra interceptada por um barco japonez. Moro foi immediatamente preso, e pereceu entre os mais barbaros supplicios! O restante dos christãos foram sacrificados. O sangue inundou as ruas. Conta-se que os christãos mortos nesta perseguição passarão de quatrocentos mil! Os Japonezes foram obrigados a trazerem sobre seu peito a figura de alguns de seus idolos. Com o fim de se vedar a entrada do Japão aos christãos, ordenou-se que dali por diante todos os que ali chegassem fossem obrigados a calcar aos pés um crucifixo e a imagem da Santissima Virgem. Todavia as nações autorisadas a commerciareem com o Japão foram exceptuadas desta lei. Em cada anno o commissario de cada quarteirão faz uma lista exacta de seus habitantes; visita cada uma casa seguido de dous homens, levando um um crucifixo, e o outro uma imagem da Santissima Virgem: o commissario chama a todos os moradores da casa, sem exceptuar os mesmos meninos, e em sua presença lhes faz calcar aos pés estas imagens veneradas pelos christãos! É isto o que no Japão se chama *fazer o jesu-mi* ou *jesuma*!

« Vendo então sua vida em perigo, trinta e sete mil christãos, collocando-se sob o commando de um seu antigo principe, apoderarão-se do importante forte de Ximbara. O imperador enviou contra elles um exercito de oitenta mil homens, aos quaes os Holandezes não se pejárão de reunir a sua artilharia e um de seus navios, cujas peças durante quinze dias fulminarão sobre os sitiados, que morrerão todos com as armas na mão! O imperador recompensou os Holandezes por isto bello serviço; mas

os mesmos Japonezes, mais tarde, olhárão com desprezo para os christãos que haviam fornecido armas e braços contra outros christãos!

« Os Portuguezes forão para sempre excluidos do commercio do Japão. Dous navios recém-chegados com mercadorias forão reenviados. Conta-se que poucos dias depois chegára uma embaixada portugueza, a qual fôra immediatamente presa, e o navio desarmado: que perguntando-lhes os Japonezes se tinham tido noticias do edito do imperador, e respondendo elles que sim, mandárão um correio á côrte; voltando este, os enviados apparecêrão perante o governo como criminosos: que reclamando em seu favor o direito das gentes, não fôrão attendidos; sendo-o todavia se quizessem abjurar a religião christã; mas repellindo elles uma tal proposição, forão degolados! que treze do numero delles forão reservados para irem annunciar aos habitantes de Macáo que os Japonezes não querião mais receber delles nem dinheiro nem mercadorias; que tinham queimado o navio e quanto pertencia aos que forão executados!

« Esta infracção do direito dos povos foi seguida de uma lei, que ordenava aos governadores das cidades marítimas que queimassem a todos os navios christãos que surgissem em seus portos, e que toda a companhia fosse morta.

« Tres annos depois, em 1641, o imperador reconheceu que pouca differença havia entre a religião dos Portuguezes e a dos Hollandezes. Então forão obrigados a demolir suas casas, sobre as quaes tinham esculpido a era christã, prohibidos de cele-

brarem a paschoa e o domingo, e de se absterem de todo e qualquer signal de christãos. Com effeito os Hollandezes se sujeitárão a tudo. Pouco depois forão encerrados na prisão de Désima, que elles mesmos haviam ajudado a construir para os Portuguezes! e d'ahi não sahem senão duas vezes no anno, mas bem acompanhados. Quando seus navios chegão são desarmados, e suas armas lhe são entregues sómente quando quèrem voltar. Andão constantemente vigiados, e são sujeitos ás mais infames baixezas! »

Eis o que corria na India quando eu lá estive, sobre as cousas do Japão. Rem veem que as noticias que correm entre o povo de ordinario tomão mais ou menos vulto; assim não fico pelas alterações que nesta historia possão haver. Ora, eu podia contar a minha historia sem trazer a pello a historia do Japão; mas que querem? gosto de contar este trecho da historia daquelle imperio, porque ali começou a historia mais notavel de minha familia.... Além disto, o contar historias antigas e maravilhosas é uma mania nos velhos, e mania bem desculpavel. Agora que finalisei este interessante pedaço da historia japoneza, passo a tratar da historia de minha familia, e por consequente da minha. Ora, creio que a noite deve ir adiantada. Não julgão melhor que fique o resto para amanhã?

— Como lhe parece, respondeu Justino.

— Pois até amanhã.

Despedidos, recolherão-se todos.



CAPITULO VI.

O PASSADO.

O homem orgulhoso, decabido de uma brilhante fortuna, acredita-se, como os restos (ainda dignos de admiração e respeito) de um magnifico edificio arruinado : o mundo porém o encara como uma mulher decrepita, que fôra uma bella cortezá, mas que actualmente para nada presta.

O sol, espraiaando uma torrente de luz por sobre a face azul de um céu limpido e bello, mandava á terra um dia alegremente sereno, e mais alegremente encantador.

Os dous hospedes de Filippe, tendo-se levantado mui cedo, sahirão para fóra de casa, com o fim talvez de gozarem do doce humor da manhã. Pedro, tendo entrado a horta de Narcisa, do que depois fallaremos, ahi passeava descuidoso; Justino, assentado sobre uma roliça pedra que no terreiro havia, parecia deleitar-se com o suave calor de um sol nascente, sol cujo primeiro, mas frouxo raio, feria-lho branda e preguiçosamente um dos lados. Filippe e sua familia estavam ainda em casa.

Da tranqueira um cavalleiro saudou ao dono da casa, e entrou. O elegante cavalleiro era um lindo e esvelto mancebo, montado em um possante e brioso cavallo mursello, cujo freio era de prata, e as cabeçadas e rabicho tachonadas do mesmo me-

tal : seus pequenos pés, que adornava um par de grandes esporas de prata, firmavão-se em dous grandes estribos, tambem de prata ; e como o bello cavalleiro parecia cuidar muito dos jaezes de seu cavallo, toda esta prata reflectia aos raios do sol, que se elevava.

O moço, tendo fallado da tranqueira, abriu-a, e entrou : fechou-a, e levando o seu cavallo em uma marcha batida, o foi esbarrar á porta da choupana de Filippe. O bello gineté, a impulso de seu dono, deixa-se escorregar das pernas trazeiras, e firmando-se sobre as dianteiras, estaca, ficando meio assentado sobre os quartos. O elegante cavalleiro ficou em sua sella firme como um rochedo.

As pessoas da familia vierão á porta saudar o moço, que ahi conversou um pouco. Justino approximou-se, e contemplou-o muito. Pouco depois o cavalleiro despediu-se. Retirado este, perguntou Justino a Filippe :

— Quem é este bello moço, Sr. Filippe?

— Ah! respondeu Filippe, é o filho do fazendeiro aqui vizinho, que está estudando para ordenar-se, e de quem já lhe falei.

— Lembro-me. E' um lindo moço....

— E'; e passa até por bom rapaz.

— Admira que queira ser padre....

— Agora admira!... Não é elle que o quer, é o pai.

— E' sujeita-se elle?

— Quem sabe? Elle tem juizo...

— Em sujeitar-se á vontade paterna, não?

— Não só por isso; mas porque o pai já é velho.

— Sim; e como o pai já é velho, o moço não quer desgosta-lo....

— Em sua vida; e nisso faz bem.

— E no entanto toma as ordens contra a sua vontade!...

— Não; e para que ir tão longe?

— E então que fazer?

— Oh! houvesse remedio para a morte, como ha para isso!

— Emfim, não comprehendo.

Pedro, que havia ha algum tempo entrado e assistia a este dialogo, disse tambem por sua vez:

— Nem eu. O Sr. Filippe e o tal moço bonito lá sabem o mysterio.

Pedro pronunciou estas palavras com um accento tão repassado de malicia, que não escapou a Filippe, o qual desdenhosamente respondeu:

— Não: não ha nisso mysterio. Tenho ouvido que o rapaz se não quer ordenar; mas o pai de tal cousa não sabe, e acredita que o filho está com elle muito de accordo: ao menos é o que se diz.

— Mas uma vez que está estudando.... disse Justino.

— Mas uma vez que está estudando, disse Filippe, vai ganhando tempo; diz ao pai que não póde tomar as primeiras ordens nestes quatro annos; ora, em quatro annos muito se póde fazer; em quatro annos muitas mudanças succedem-se. Quem sabe? Não póde o pai morrer nestes quatro annos?

— Sem duvida, sem duvida! O rapaz tem juizo. Ao menos não dá desgostos ao pai.

— Então acha que faz bem nisso?

— Muito bem.

Alguns instantes depois os tres almoçáram. Findo o almoço, Filippe foi á sua pequena roça. Pedro e Justino sahirão com animo de caçarem. Ao meio dia acháram-se todos em casa; os dous trouxeram alguns passaros de sua caçada. De tarde sahirão a

dar providencias sobre os materiaes para a casa em que os dous devião armar a sua tasca, ou armadilha, em que deveria cahir o fructo do suor alheio. Nessa tarde tudo ficou justo. Tres dias depois a obra devia ter começo.

A' noite, a pedido de Justino, e tambem de Pedro, Filippe reatou o fio de sua historia, e continuou assim:

« Esteve meu avô paterno em Amsterdam, e ahi não só familiarisou-se com a lingua, como com os costumes do paiz; voltando a Lisboa, d'onde era natural, fez ahi um bom casamento. Era já meu pai nascido quando veio a Lisboa um Hollandez, que em Amsterdam fôra amigo de meu avô; achando a este soffrivelmente estabelecido, e sendo elle negociante, aconselhou-o, e persuadiu-o para que fizessem ambos uma viagem ás Indias Orientaes, commerciando como socios. Minha avó havia morrido poucos dias antes; e meu avô, não tendo quem o pegasse senão a meu pai no berço, tomou o conselho do amigo; assim entregou seu filho a parentes que o ficáram criando: preveniu tudo o que estava ao seu alcance; e, estabelecidas as bases da sociedade, embarcou-se com o Hollandez. Meu pai ficou no berço, como disse, contaria então um anno, pouco mais ou menos. Depois de algumas tentativas com pouco fructo, começaram a negociar entre Macão e Japão, isto no anno de 1642; meu pai tinha então os seus quatro annos.

« Ora, á vista do que acabei de referir sobre o Japão, é de suppor que os dous negociantes em Macão fossem Portuguezes, e no Japão Hollandezes. Como fosse, o que é certo é que no fim de tres annos os dous socios se deshouverão, e por desgraça para meu avô deshouverão-se no Japão; e, ou o mesmo socio revellou tudo, ou qualquer outra pessoa: o que é porem certo é que o navio, o carregamento, e quanto elles tinham, foi tomado tudo pelo governador de Naganski. O Hollandez foi banido, e meu avô posto em prisão. Algum tempo depois meu avô foi posto em liberdade, sendo-lhe tudo restituído, e com largueza.

« Contava meu avô, que sendo interrogado pelo governador, declarára que não era Portuguez, bom que tivesse nascido em Lisboa; que sua mãe sim era nascida em Lisboa; mas que seu pai era Mouro, e que sua religião era o Islamismo; que assim obtivera a sua liberdade e o quanto era seu.... Sigamos.

« Então livre deste perigo, veio estabelecer-se em Macão em 1646; meu pai devia por este tempo ter

os seus oito para nove annos ; o quando tinha os seus trinta e quatro, pouco mais ou menos, com consentimento de meu avô, que estava em Macão havia vinte e cinco annos, e achava-se então podre de rico, casou-se em Lisboa em 1671 com uma sua parenta ; isto é, sobrinha de meu avô, cujo pai, seu primo, era seu correspondente em Lisboa.

« Meus pais tiveram dous filhos antes de mim, e estes morrerão ; eu porém não vim ao mundo senão quatro annos depois de seu consorcio, em 1675, e o meu nascimento custou a vida a minha mãe. Pouco tempo depois meu pai partiu para Macão a chamado de meu avô, que, velho, carecia de quem o ajudasse ; mas meus avós maternos não puderão consentir que meu pai me levasse consigo ; fiquei pois em Lisboa, e só depois da morte de meus avós, de quem era eu o unico herdeiro, em 1701, tendo os meus vinte e seis annos, é que fui para Macão por chamado de meu pai. Meu avô paterno havia morrido. Quando cheguei a Macão, bem que acostumado eu a ver muitas riquezas, e immenso luxo em Lisboa, não pude comtudo furtar-me á admiração das riquezas e luxos que oncontrei em casa de meu pai ! Bella casa, magníficos jardins, elegantes e custosas mobílias, preciosas cópas, ricas baixellas, emfim escravos, palanquins, ouro, prata, pedras preciosas, etc., etc., tudo ali havia, e havia com luxo e magnificencia. »

Neste lugar da narração de Filippe, Narcisa, com um ar altivo, lançou sobre Justino e Pedro um olhar soberbo ! Os dous o comprehendêrão, e o traduzirão : talvez que verdadeira fosse a traducção que lhe derão. Filippe enxugou duas lagrimas que se lhe escoáram ao longo de suas pallidas e rugosas faces, e proseguiu :

« Meu pai sobreviveu pouco á minha chegada a Macão ; e eu, seu unico herdeiro, vi-me senhor e possuidor de uma consideravel fortuna na idade de vinte e nove annos ! Com vinte e nove annos, pois, senhor de um cabedal immenso, eu, nascido e criado em Lisboa, affeito a seu luxo, volup-tuosidades e divertimentos, era impossivel acostumar-me ás semsaborias de Macão, e ás suas sociedades estupidas o desemxadas. Em consequencia comecei a liquidar minha casa, com animo firme de voltar a Europa, e fixar a minha residencia em Lisboa. E' verdade que eu não esperava grandes interesses nesta cidade ; mas esperava divertir-me, e divertir-me muito, que era o quo eu mais queria.

« Firme pois neste plano, vendi tudo quanto não

podia transportar, e com tudo quanto o podia, e com muito dinheiro, embarquei-me para Lisboa, cinco annos depois da minha chegada a Macão. Estava eu nos meus trinta e um annos.... Ah ! nos meus trinta e um annos !... »

Filippe, longe de dizer estas palavras naturalmente, declamou-as com tão pathetico accentto, que o seu som agudo e ungido de dôr foi não só ferir os corações dos ouvintes, como ahi embeber uma particula dessa dôr tão desesperada !

Justino pareceu indifferente á commoção causada pelas palavras do velho. Pedro pareceu compungido. Narcisa, corando, abaixou a sua linda cabeça. Maria enxugou uma lagrima ! e depois fitou em seu marido, ainda cheios de lagrimas, dous olhos que deverião ter sido bellos na manhã de seus innocentes dias ! Filippe suspirou ! Este suspiro não era a explosão de uma dôr abafada ; não, que Filippe não poucas vezes havia contado a sua historia ! Era porém uma das mais agudas notas do luctuoso canto da saudade, ou antes hymno da morte de suas felicidades, debuxado em seu coração pelas suas desgraças, e cujas tristes modulações lamentava sua alma (que as não cantava) quasi sem interrupção.

Era pois o suspirar saudoso por um passado feliz !... feliz... mas tão morto, que jámais poderia resuscitar ! tão morto, como a hera que passou ! como a flôr que cahiu ! e como a planta que secou-se !

Finda esta commoção, Filippe proseguiu assim :

« Estava nos meus 31 annos ! na idade das paixões, dos amores e dos prazeres ! e entretanto eu não havia ainda amado ! Todos os prazeres, todos os encantos a que pôde attingir um moço rico, eu os tinha gozado, alguns na India, e todos em Lisboa ! Em qualquer parte em que os prazeres vislumbra-vão a meus olhos, voava eu após delles, com o mesmo ardor com que o abutre vôa após de sua presa ! Eu os comprava, e os comprava até a peso do meu ouro ! gozados uns, voava atrás de outros ! Os desejos dos novos trazião bem depressa o cenojo dos velhos ! e não obstante a saciedade, fugia adiante de mim como as sombras diante da luz ! No meio dos prazeres meu coração palpitava cubigoso de prazeres ; no meio dos gozos minha alma fluctuava ardente de gozos ! Arremessado de prazer em prazer, impellido de encanto em encanto, arrebatado de conquista em conquista, apenas vencedor logo fugitivo, e pouco depois esquecido ; sempre cubigando o nunca saciado, passei os primeiros annos

de uma mocidade audaz, impetuosa, e até libertina. Duvidoso, sem um destino fixo, sem um norte certo, sem uma esperança positiva, porque eu não amava, percorria, sem piloto, minha alma desassessada e incerta os mares borrascosos de uma mocidade louca e turbulenta! Tudo pois era para mim vago como os meus pensamentos! indefinível como minhas paixões! e incerto como meus passos! E tudo isto porque meus olhos não tinham já mais reflectido a suave luz de amor sobre outros olhos amorosos! Minhas palavras de ternura não tinham echoado em uma alma virginal, nem se harmonizado com outras palavras também eternecidas! Meu rosto apaixonado ternamente não tinha nem uma unica vez enrubescido diante de outro rosto também corado por uma paixão suave! Meu coração enamorado já mais havia escutado as opprimidas palpações de outro coração também enamorado! E tudo isto porque minha alma, nos dias de sua primitiva innocencia, não teve um suspiro que se fosse encontrar com outro suspiro de uma alma ainda mais innocente que a minha!

« Eu carecia de uns olhos que lessem sobre meus olhos; de palavras que achassem eco nas minhas palavras; de um rosto que corasse com o meu rosto; de um coração que se harmonisasse com as palpações de meu coração, e de uma alma que fosse constantemente o guia de minha alma! Eu carecia... e não comprehendí esta necessidade! Nescio que eu era! acreditei que o ouro podia comprar o amor! Insensato! que acreditei que um coração de mulher se vendia! Vaidado do mundo! Acreditei que com tudo se mercadejava! Soberba das riquezas! Acreditei que o dinheiro podia a tudo comprar!... Compra-se uma mulher, mas não se compra seu coração! Possue-se uma mulher, mas não se possui seu amor! Goza-se os serviços de uma mulher, mas não se goza sua affeição!... E com effeito, desfructamos esses serviços, como desfructamos os serviços de uma escrava; mas esse coração ali fica, tão livre para odiar-nos, como o coração da escrava, tão livre para ahorrecer-nos!

« Se eu tivesse amado, e sido amado, no gozo de uma fortuna brilhante, ou ainda modesta, feliz em meu amor, ditoso em minha fortuna, tranquillo á pacifica sombra de meus lares, veria docemente se deslisarem risinhos os meus socregados dias no donado regaço da celeste paz e no candido seio de uma amorosa familia!... Mas o destino não quiz! A minha educação... Respeitemos as cinzas dos meus.

« Macão não tinha já os encantos pelos quaes meu

coração palpitava sedento! Lisboa offerecia ás minhas desordens, á minha mocidade infrene, um theatro mais vasto, e talvez que um campo sem limites! Não hesitei; embarquei-me pois para a Europa. O navio que me conduzia conduzia também meus tesouros.

« Desde Macão até á altura da ilha de Madagascar, é impossivel que minha viagem fosse melhor. Ao passo que eu via fugirem pela pópa do navio as terras da Asia, sentia meu coração inchar-se, já de antemão saboreando os gozos futuros dos prazeres de meu paiz natal. Embriagado de minha felicidade, eu acreditava que a fortuna estava jungida ao carro de meus caprichos, tendo tomado a peito o artefacto de minha ventura! Eu acreditava que sobre a minha cabeça brilhava um sol, que em seu curso diurno devia sempre conduzir para mim dias de ouro, de encantos e de amores! que as estrellas deverião luzir com tremula luz sobre meus amores secretos; e que a lua, obediente a meus desejos, devia discreta occultar sua face de prata, quando timidos amores fugitivos aos raios de importuno sol, tranquilllos e gratos me sorrissem á pacata sombra da verde ramagem de voluptuoso jardim!!! Oh! quanto é bella a mocidade, quando o brilhantismo do ouro esmalta seus dias de amor, de risos e fiores! Moço, rico, e bello!... bello... e que importa o ser bello? Ser moço e rico é bello, é magnifico! Que bello ideal tão brilhante de encantos!... mas... mentiroso.... mentiroso.... e sempre mentiroso!...

« Miserol que engolphado em um futuro que ninguem me havia assegurado, perdido em vergonhosos prazeres, esquecia-me que arfava embaixo de meus pés um medonho elemento, mentiroso como meus amores; falsario como meu futuro; o perdido como as minhas riquezas! Ah! mais mentiroso ainda, mais falsario o mais perfido!

« O nosso navio chegou enfim ao Cabo da Boa Esperança, cabo das tormentas, cabo das minhas desgraças!

« Orgava pelo meio dia: o céu estava sereno; o mar enrugava-se apenas ao brando sopro de amorteida aragem, que mal infunava nossas velas, e levava suavemente o nosso navio. O tempo nos promettia uma feliz passagem pelo Cabo-Tornentorio. Pouco depois o navio arfava no mesmo lugar em calmaria podre, e as velas penduradas das vergas bambas batião nos mastros. O mar se ennegrecceu, e de tão negro que ficou tornou-se medonho. Duas horas depois cahiu-nos pela prôa um

vento rijo; ferráram-se algumas velas, e começámos a resistir-lhe. Não muito depois o vento era tão impetuoso, que já não era possível nem ferrar as outras velas, nem lutar com elle; foi preciso pois dar-lhe a pôpa; intentou-se essa manobra; mas no momento em que o navio voltava, tamanha foi a refrega, que o colheu de improviso, que o sossobrou incontinento! Alguns dos naufragos agarráram-se ao casco do navio, enquanto o puderão fazer, e outros a varios destroços que no mar começavam de boiar. Também creio que poucos escapáram. Durante a noite a tormenta escampou-se, e tudo se tornou sereno e tranquillo. O seguinte dia amanheceu bello, e achou-me sobre as ondas lutando contra a morte, sobre uma taboa do mesmo navio, ou talvez de outro, quem sabe?.... Mas não longe de mim, com suas velas em cheio, e alvejando aos primeiros raios da manhã, desenhava-se no horizonte um navio em endireitura ao ponto onde eu lutava com a morte; elle aproximou-se, viu-me, e fui salvo. A pouca distancia forão da mesma sorte salvos mais tres companheiros meus, isto é, pessoas do mesmo navio naufragado. Quando me vi sobre este navio, e são e salvo, foi que fui senhor de minhas idéas. O horror de minha actual posição negrejou diante de minha alma com toda a hediondeza do inferno! Em um momento o mar havia engolido os mais brilhantes fructos dos trabalhos de mais de meio seculo! e com elles a minha felicidade, o meu futuro, e mais tarde conheci que também as minhas esperanças! E' bem facil de comprehender todo o excesso de minha dôr, vendo-me só com a roupa do corpo sobre um navio desconhecido, comendo o pão da caridade.... eu, que ha pouco tempo havia sido senhor de uma fortuna gigantesca! Confesso, não quiz mais viver! Assentando comigo que a vida era por demais pesada, tencionei matar-me: mas para não causar á gente do navio, que tão bem me havia recebido, e tão cuidadosa se mostrava comigo, o menor incommodo, reservei para a noite a execução do meu plano: era pois este: —ir á prôa, descer pelo cabresto, cahir no mar, sem bulha, e debaixo dessas ondas tão frias ficar eternamente sepultado: —estava pois tomada a minha resolução; á noite devia ser executada.

« Ha uma idéa de consolação, que sabe de adrede esmaltar na noite dos desesperados todos os horrores do tumulto; e esta idéa cifra-se nisto: deixa-se de viver, deixa-se de soffrer, porque o tumulto engole de um jacto a vida, as lembranças e as dores! E' mentira! o homem não foi feito para soffrer,

porque os soffrimentos jámais se casão com o coração humano: o homem foi feito para a felicidade, e a felicidade é gozar, porque é com os gozos que nossa alma se deleita! A immortalidade não é senão um renome! a bemaventurança uma grande somma de gozos desfrutados sobre a terra! O inferno não é mais que uma grande somma de soffrimentos na terra padecidos! Deus.... ou tal não existe, ou impassivel vê, sem commoção, o curso de suas obras! Assim, quando se não pde attingir á bemaventurança dos gozos, evita-se o inferno dos soffrimentos! O sacrificio é pequeno; basta apenas uma vontade activa e uma resolução sublime; a dôr é passageira, a desordem instantanea, e o socego eterno! Eis o como eu pensava; e assim pensando, esperava a noite, como o amante, que, tendo nella uma entrevista emprazada, a espera ancioso.

« Pela volta das 10 horas deslisava-se no horizonte uma vela, e pouco depois se conheceu que demandava o nosso rumo a todo o pauno: a diligencia que esta embarcação punha em alcançarnos fez-nos desconfiar que era algum navio avariado pela tempestade, que vinha soccorrer-se do nossa embarcação: aproximou-se pois, e com bem susto nosso conhecemos que era um navio turco ou mouro, como os xavecos que infestão os mares do Mediterraneo. Já se lhe não podia fugir; o combate era indispensavel. Armámo-nos todos, e tomámos os logares em que devíamos pelejar. O navio em que eu me achava era hespanhol; logo que o xaveco esteve a meia distancia de um tiro de peça, a bandeira hespanhola foi firmada com um tiro. Não obstante a valentia dos Hespanhões, o susto e o desanimo estayão pintados em seus rostos; e por isso eu pude sem difficuldade ler nestes rostos o triumpho do Crescente. E que me importava? No meio deste terror geral só eu me ria, só eu me alegrava; porque meu coração estava tranquillo, porque meu espirito estava contente! Eu ia morrer, e morrer no meio da raiva, do furor, ao estrondo do canhão, ao sibilo das balas, era uma morte para mim mais bella que a morte no fundo das aguas!

« Apenas em nosso navio foi a bandeira hespanhola firmada, o xaveco, ao som de alguns tiros de canhão, enviou-nos algumas balas: a resposta também não foi pelos Mouros muito esperada. Travou-se o combate: e o atrevido inimigo, desprezando a nossa artilharia, intentou a abordagem: esta foi effectuada; mas a nossa mosquetaria, e alguns tiros de mitralha, fizerão com que ella custasse ao infiel mais do que elle o pensava!

« Dada a abordagem, e tendo os Mouros saltado para o nosso navio, começámos um sanguinolento combate de morte. Os Hespanhóes, uma vez começada a batalha, não desmentirão daquella antiga bravura tão conhecida de toda a Europa; mas o numero dos infieis era tão superior ao nosso, que um christão tinha de haver-se com tres dos inimigos. A victoria, bem que cara lhes custasse, declarou-se pelos inimigos; mas esta victoria só esteve segura depois que em o navio hespanhol não havia mais que cadaveres e moribundos.

« Sobre o ensanguentado convés, encostado a uma amurada, rodeado de mortos e feridos, opprimido por um sem numero de inimigos que me atacavão furiosos, e me intimavão que me rendesse, esgotando-me em sangue das muitas feridas que crivavão meu corpo, eu já não via um só christão combater, e eu combatia ainda, ainda me defendia com um tenue esforço, que sentia gradualmente fallecer-me.... E queria entretanto morrer! e então para que me defendia? Ha sempre na gloria os seus encantos! Os phantasmas da imaginação humana adquirem a veneração e a magestade dos seculos que atravessão; e, sanctificados de geração em geração, chegam afinal a obter um culto que os divinisa completamente! Tal é a gloria, cujo poder parece adoçar os amargores da morte, embellezar a hora do passamento, estrellar a noite do sepulcro, e enamorar o moribundo que agonisa!

« Emfim, pensei que ia morrer.... o esforço morre em meu corpo, e a luz em meus olhos! mas meus dias não estavam ainda completos, e como o não estavam, volvi á vida: achei-me então deitado em uma tosca cama; mas minhas feridas estavam pensadas, e com dôr soube que nenhuma dellas era mortal. A desesperação faz talvez mais heróes que o mesmo valor. Entretanto, ferido em uma cama, quasi esvaído de sangue, ainda os infieis temião o que elles chamavão minha valentia; e por isso tinha eu uma porna presa em uma grossa corrente, cuja extremidade se ia prender em um arganel pregado ao navio. Havia ali uns vinte e tantos captivos, todos om forros; mas o que mais me fez pascar, é que entre elles existião alguns, poucos é verdade, dos meus companheiros, que comigo tinham naufragado! Dos quo pelejarão, na embarcação hespanhola, só cinco tinham escapado, ou e mais quatro, tão feridos ou mais do quo ou: um destes morreu pouco depois.

« Ao cabo de quinze dias eu estava quasi restabelecido, o quasi são do minhas feridas, mas achava-mo

um tanto fraco. Que faltava para coroar a minha desgraça? havia perdido tudo quanto possuia, e acabava agora de perder a liberdade!

« A maneira por que eramos tratados neste navio e neste estado, era uma ridicula mistura de compaixão, e de barbaridade! curavão de nosso corpo, e abandonavão o nosso espirito! Davão-nos uma comida grosseira, e eramos obrigados a comer, ainda á força de um azorrague: era preciso que engordássemos a todo o custo, para mais dinheiro valermos em qualquer mercado da Asia ou da Africa! E todavia o meu cinto atado ao meu pescoço podia abreviar os meus dias sem obstaculo algum; e não obstante, nem pela imaginação me passava o desejo de morrer! estava até resignado, e queria viver!

« Vendo-me pobre, detestei a vida; vendo-me escravo, quiz conserva-la! Ridiculos ou assombrosos mysterios do coração humano! Coração humano.... cháos de contradicções! abysmo de desordens! louco é quem te deseja aprofundar!

« Com effeito, a nossa desgraça não podia ser maior, e assim mesmos nós parecíamos satisfeitos! Comiamos, riamos-nos, folgavamos, contavamos historiás uns aos outros, e não nos incomodavamos com o nosso futuro, e nem com o senhor que deveríamos ter!

« O nosso carcereiro era um perro de um Mouro, ou o que na verdade fosse, já velho, e intratavel, mesmo como um Mouro desconfiado: daquella boca não se ouvia nem meia palavra.

« Neste estado estavam, havia quasi um mez, quando em uma manhã ouvimos um grande motim no xaveco: o estrondo, os gritos e a vozeria erão por demais. No meio desta algazarra medonha ouvimos bradar a postos: uma hora depois, pouco mais ou menos, a gritaria augmentou; dahi a pouco rompeu o fogo do xaveco, que foi immediatamente respondido com empenho: o xaveco pois accommettia a alguma embarcação.

« Começámos a prestar toda a attenção ao combate. A artilharia não trabalhou por muito tempo: ouvimos algumas descargas de mosquetaria; depois tiros espaçados, o grande estrondo de armas brancas: tinham os infieis dado a abordagem, e com a sua costumada ousadia, ousadia estribada no seu grande numero. Estava entre nós um velho Portuguez, o qual tinha passado no mar quasi toda a sua vida. O longo costume lhe havia dado uma experioncia das cousas do mar, que o tornava o mais experimentado, o mais grave, e o mais sabio mari-

nheiro. A mór parte dos portos d'Asia, toda a costa d'Africa desde o Cabo da Boa Esperança até Gibraltar, grande parte do Mediterraneo e suas navegações lhe erão perfeitamente conhecidas, porque quasi que os dentes lhe havião nascido sobre estes mares, tondo envelhecido em quasi todos estes portos. Este bom velho, tendo dado toda attenção aos diversos movimentos do combate, disse com certo ar de satisfação :—São Portuguezes que combatem ! são Portuguezes ! — Alguns lhe perguntarão :— Porque o sabeis ? — Mas o velho, sem fazer caso da pergunta, continuava a exclamar, sempre n'um modo prazenteiro :—São Portuguezes ! são Portuguezes !!! — Não tardou muito que não rompessem os arcs gritos alegres lançados pelos infleis, festejando uma victoria que elles não podião contar segura emquanto na embarcação portugueza houvesse um só homem que pudesse manejar a espada ! Não obstante estes gritos de alegria e de victoria, ainda durava o combate, e se ouvia já distintamente as vozes dos Mahometanos e dos Portuguezes, porque os combatentes erão menos, e menor o estrondo da peleja. Entre as diversas vozes que soltavão os encarniçados combatentes, animando-se mutuamente, distinguui-se uma voz forte, segura e vibrante, por estas palavras, que perfeitamente ouvimos : — Christãos, eis a imagem do vosso Deus ! ! !... Jesus Christo vos vê combater ! ! !...

« Aquelle que assim gritava não tinha bem firmado a ultima syllaba da palavra—combater—quando resôou por toda a parte esta vozeria immensa : —Aos infleis.... morrão os infleis !... Victoria ás Quinas !... »

« O estrondo do novo acommettimento foi tamanho, que nós sentimos como que o xaveco gemit, e mergulhar ao peso da carga dos atacantes, que nello saltavão, e dos atacados, que para elle fugião ! Enthusiasmado por estes gritos de victoria, agitámos nossos ferros, procurámos quebra-los, mas de baldo ! e não podendo, bramimos de raiva, e gritámos tambem, uns :—Victoria ! victoria aos christãos ! ! !...—outros :—Vivão as Quinas ! ! !—outros :—Por Jesus-Christo ! Victoria ás Quinas ! Triunpho aos christãos ! ! !... »

Neste logar Filippe interrompeu a sua historia, e duas grossas lagrimas escoárão-se de seus olhos ; lagrimas que procurou enxugar, e que continuavão a correr, porque parece que elle gostava do as chorar.

Pedro, reparando na sinceridade desta commoção, disse :

— Porque chora, Sr. Filippe ?

— Ainda sinto prazer ao lembrar-me disto.... Choro pois de prazer....

— Mas Vm. nesse tempo ainda acreditava em Deus e na sua providencia ?

— Não sei... O que sei é que a alegria, o entusiasmo que estes gritos me communicarão forão tão grandes, que quasi enlouqueci....

— Pela esperanza da liberdade talvez ?

— Não. Nesse momento eu lhe affirmo que mo não lembrava senão de que era christão. Continuemos.

Filippe retomou o fio de sua historia, e com o mesmo ardor com que a tinha contado até aqui, continuou assim :

« Alguns instantes depois destes gritos o estrondo do combate diminuiu. Com espanto nosso ouvimos abrir-se mansamente a porta de nossa prisão ; um infiel, com a cara coberta, entra armado de um martello, e com poucas pancadas sobre a corrente do velho Portuguez a fez em pedaços, e pô-lo em liberdade ! e sem proferir nem meia palavra quer sahir : todos ao mesmo tempo lhe pedem a mesma graça ; mas o infiel, desembaraçado de todos, brada com uma voz terrivel : —Morrei.... que nada vos devo ! — E voltando-se para o velho marinheiro, accrescentou : — Fugi.... — O velho, segurando-o pelo braço, gritou :— E os meus companheiros.... os meus irmãos?... — O agareno, com voz ainda mais terrivel, respondeu-lhe : — Fomos vencidos pelos teus.... mas o nosso paiol ainda tem polvora.... este navio vai voar aos ares com tudo quanto tem, e tambem comigo.... Queres salvar-te, salvalte.... se não queres, a explosão pouco póde tardar.— Mal acabou de assim fallar, desapareceu. O velho sahiu precipitadamente atrás d'elle.

« Abandonados a uma morte certa, ou entre o incendio que ia devorar o navio, ou despaçados nelle, se se despedaçasse, ou afogados no fundo do mar, presos cada um a uma corrente, nós julgavamos este destino por demais duro, e inteiramente insupportavel. Então, longe de resignarmos-nos a uma tão cruel sorte, começámos a gritar e a bramir horivelmente, procurando romper nossas cadêas ! Ora, que os outros que parecião amar a vida assim o fizessem, era muito justo ; mas eu, eu que não a podia supportar !... eu que ha poucos dias antes me queria suicidar, porque me horrorisava o morrer queimado ou despedaçado, ou afogado nos abysmos do mar ? ! Que differença ha em morrer desta

ou daquela maneira? Não é tudo morrer? Não é tudo a derradeira e maior desordem da vida, desordem, cuja unica consequencia é deixar deser para não ser?!

« E' que a morte costuma a prestar mais ou menos laivos de pavor ás suas infinitas modificações! modificações, que bem que infinitas no seu modo de variar, todavia não apresentam uma só que não seja natural, e cuja medonha peripecia não seja deixar de ser para não ser! Quanto ás dores, quem sabe se ellas não serão antes um effeito da imaginação timida e acovardada!

« No meio desta algazarra inqualificavel, produzida pelos nossos gritos e pelos estrondos de nossos ferros, alguns dos vencedores entráráo o nosso carcere.... Ao entrarem, um grito simultaneo e unanime partiu das boccas de todos os captivos:—Salvai-nos... salvai-nos!...—Com effeito, nossas cadêas forão quebradas, e nós postos em liberdade!

« Livres, corremos por diversos lados, para sahirmos deste navio que ia voar aos ares, e cuja explosão já se fazia esperar, e para tentarmos salvar o navio christão que se achava junto do infiel, e cuja explosão deveria tambem arruina-lo: passando porém por junto de uma escotilha, e lançando ao paiol da polvora horrorisados olhos, eis o que vimos: o marinheiro velho, nosso camarada, a quem o Mouro de cara coberta havia quebrado a corrente, estava estendido sobre a coberta do xaveco, de barriga para cima o arquejando: um Mouro possanto o agigantado, com um enorme joelho opprimia-lhe o peito, sobre o qual erguia um punhal, que sustentava em sua mão direita; com a esquerda apertava um morrão aceso, com o braço estendido para o paiol da polvora, já aberto! O marinheiro velho, estenuado e quasi oexaurido de forças, ainda com sua mão esquerda sustentava pelo pulso o braço direito do infiel, e sustinha assim o golpe que lho ameaçava o coração! e com a mão direita apertava o morrão, e o desviava do paiol; mas essa mão, ainda um tanto robusta, devia em breves instantes abandonar o morrão, porque o velho o segurava tão junto da chamnia, que esta já quasi lho queimava a mão! uma vez queimada ou chammuscada esta, largado o morrão por este motivo, ello soría arromessado ao paiol da polvora; a explosão seria prompta, e a desgraça completa! A perda pois do todos estava por momentos!

« Saltámos ao logar tremendo; o morrão foi apagado, o infiel prisioneiro; o paiol fechado, e o velho salvo.

« Nisto alguns infieis dirigião-se rapidamente para o paiol; encontrados por nós outros, forão desarmados e feitos prisioneiros. O velho marinheiro, a quem todos devíamos a vida, vinha um pouco mais atrás, encostado a dous christãos; e quando chegou a nós já os infieis erão nossos prisioneiros. O velho, encarando então aquelle que lhe havia quebrado os ferros, e cuja cara já estava descoberta, transportado de admiração exclamou:—Renato!—O infiel, cuja terrivel voz já tínhamos ouvido, sem encara-lo, respondeu com orgulhoso desprezo:—Não me chamo Renato...o meu nome é Ismael.—O velho, recuando horrorisado, bradou:—E que fizeste das santas doutrinas que com tanto amor te ensináráo?—O musulmano respondeu rudemente:—Esqueci-as... abandonei-as para todo o sempre!—O velho, lutando em um accesso de piedade e de colera, gritou com mais força ainda:—Desgraçado! desgraçado!...—Dizendo isto, sufocou-se em pranto, e não pôde dizer mais: as forças o abandonáráo, e cahiu nos braços dos companheiros, que o leváráo para o navio portuguez. Eu fui um dos ultimos que para elle passei. Chegando ao navio portuguez, soube de um tumulto occasinado entre os marinheiros, alguns deste navio, e o tal Renato, por causa de certos insultos que este dissera contra os christãos, ou contra a religião christã: não sei porém em que ficou isto; porque, tendo chegado á nossa falla um navio portuguez, o capitão declarou que ia para Lisboa, com escala pelo Rio de Janeiro, o offereceu-se para deixar neste porto os resgatados que ali quizessem ficar: eu fui um destes, e sem mais demora passei-me para esse navio, que me trouxe para o Brasil, onde cheguei em 1707, e onde vivi sempre pobre, até que me casei com aquella senhora em 1718.»

— Então é casado ha vinte annos? perguntou Pedro.

— Sem a menor duvida, respondem Philippe.

— E só teve aquella senhora?

— Falla a respeito do meus filhos, não?

— Sim, senhor.

— Nada, tive mais: os outros morrêráo. Aquella foi a segunda, e está com os seus quinze annos.

— E sobre o velho marinheiro e o mouro Ismael nada mais soubo até agora?

— Nada. No convés do navio portuguez victorioso vi um padro jesuita morto; era um padre de quem eu ouvira muito fallar no Oriente. Então soubo quo a esso jesuita se devia a victoria; o como não o sei eu.

— Então morreu no combate?

— Também não sei. O que vi foi um corpo ensanguentado nos braços do Mouro Ismael e do marinheiro velho....

— Então já erão conhecidos velhos?

— Talvez: elles choravão.

— O Mouro e o marinheiro velho?

— E' verdade.

— Pelas palavras do Mouro e do marinheiro velho parece que o tal Ismael havia sido christão.

— Sem duvida, e com o nome de Renato.

— Ora.... Nunca de Mouro bom christão.

— Assim se diz em nossa terra.

— E é verdade....

— Ora, se é.... A sua historia é bem cheia de episodios interessantes... Com effeito!

— E' bem cheia de graças!

— E no Brasil não teve alguma aventura interessante?

— Oh! isso são contos largos! Fui testemunha de nossa vergonha, ou antes affronta que nos fizera o celebre Duguay Trouin, e do infame e covarde procedimento de Francisco de Moraes. Não sabe as miudezas dessa historia?

— Não, senhor; não sei.

— Pois lhe contarei em outra occasião.

— Creio que Vm. estudou alguma cousa?

— Sim; pouca cousa, em Lisboa.

Depois desta resposta Filippe ficou calado por alguns instantes, e como meditando; depois proseguiu assim:

— Ora, á vista da fiel narração dos meus acontecimentos, e a qual fielmente acabo de fazer-lhe, pergunto onde está Deus ou a sua providencia. Pois bem; haja muito embora um Deus; haja, visto que querem os sabios que haja um principio creador: mas esse principio, essa causa primitiva, mettida em si mesma, deixa funcionar a machina do universo, sujeita ás leis immutaveis que uma vez lhe traçára: tudo pois no universo nasce, vive, morre, e se succede em consequencia de leis invariaveis, sem que Deus ou sua providencia tome a menor parte em cousa alguma; e Deus, immutavel e impassivel, vê indifferente, em sua immutavel impassibilidade, passarem os astros, succederem-se os entes, e apparecerem neste espaço infinito novos corpos celestes. Deus nem se irrita contra o vicio, nem se commove pela virtude; porque a virtude tem em si mesma o seu galardão, como o vicio o seu castigo. Além de que, o vicio e a virtude nada mais são quo modificações dos

homens, segundo os usos e costumes das nações da terra. Ha necessidade de um Deus vingador, que remunere as virtudes com sabidos premios, e puna os vicios com horrorosas penas; a sociedade para a sua epopéa de oppressões, injustiças e repressões precisa desta machina de temores e esperanças.... Eis a verdade, e tudo o mais é peto.

Estes e outros pensamentos foi desfiando o ancião diante de Pedro, que o ouvia sorrindo-se, e dizendo uma vez por outra em tom alegre:

— E' um verdadeiro espirito forte!

Justino, immovel e mudo, tinha ouvido estes pensamentos de Filippe de uma maneira quasi indefinivel; mas attendendo-se bem sobre seu rosto, dir-se-hia antes que suas idéas estavam em absoluta opposição ás idéas de Filippe, que sem o menor respeito ás leis da hospitalidade assim fallava diante de pessoas que pela primeira vez via. Quanto á sua mulher e a sua filha, essas já estavam acostumadas com essa linguagem insolente, por muito desesperada.

O narrador não pôde nem devo assegurar se estes pensamentos de Filippe erão filhos de uma crença intima, muito arraigada em sua alma, ou de uma desesperação produzida por suas desgraças. Como fosse, os leitores comprehendem perfeitamente bem que os impios pensamentos deste homem erão diametralmente oppostos, não só á sua historia, em diversos pontos della, mas também a não poucas de suas acções. Quando Filippe contava a sua historia, nós nos lembraremos do seu entusiasmo, ouvindo os gritos de victoria ao christianismo! Filippe, narrando isto, teve uma lagrima, com que depois de tantos annos ainda sanctificou-o esse entusiasmo de outro tempo, entusiasmo que só podia sentir uma alma christã, embora não muito piedosa. Pedro perguntou-lhe porque chorava, e elle respondeu que ainda sentia prazer ao lembrar-se deste acontecimento e desses gritos de victoria, e que chorava pois de prazer. O mancebo, notando talvez esta flagrante contradicção, insistiu ainda perguntando-lhe se naquelle tempo elle ainda acreditava em Deus, ou se já descreia de sua providencia. O homem da desesperação respondeu que não sabia; mas que o que sabia era que a alegria e o entusiasmo que estes gritos lhes communicarão forão tão grandes, que quasi enlouqueceu. Pedro lhe replicou então perguntando-lhe se pela esperanza da liberdade.... mas Filippe, atalhando-o, respondeu que lhe jurava que não; que naquelle momento só se lembrava

que era christão! Estas palavras, este procedimento, assentão mal em um deísta, e peor em um atheu!

Uma cabeça escaaldada, como gosta de querer tudo comprehender e explicar, revolta-se contra a revelação que não comprehende, e contra a fé que não póde explicar; e cahindo em um desespero, nega a revelação, e ostenta-se sem fé: mas a alma, que em todos os tempos e circumstancias reclama e procura attingir á sua origem divina, lá fica lutando com a cabeça, e ambas enchendo o coração de um supplicio terrivel, isto é, a duvida! E' preciso porém declarar que esta alegria, este entusiasmo de Filippe e seus companheiros, ao estrondo dos gritos de victoria, são explicados pelos espiritos fortes por prejuizos de educação; é tambem assim que elles explicão certos terrores intimos, e outras muitas cousas que o espirito humano não póde comprehender, e muito menos explicar: mas, digamo-lo tambem, as palavras—prejuizos de educação—explicão tanto certos phenomenos do coração humano, como na psychologia a palavra—sympathia—explica essa afinidade incomprehensivel de duas almas, e como em chimica a palavra—afinidade—explica a sympathia desconhecida de dous corpos!

Quando perguntamos a um destes espiritos fortes como é que elle comprehende para todo o criado um fim commum, convém saber o nada; responde-nos que esse nada nos horrorisa, porque o homem é como as crianças, que temem as trevas; mas nós podiamos tambem dizer que as trevas são como a solidão que conduz o homem á meditação, e a meditação aos infinitos espaços da verdade, isto é, a Deus e á immortalidade da alma!

O leitor terá comprehendido que a mais forte mania do velho Filippe era a de contar a sua historia, trazendo-a sempre desde a historia do Japão. Elle tinha contado tantas vezes esta historia, quo sua mulher quasi que a sabia toda de cór; quanto á sua filha, a sabia perfeitamente. Com a mesma facilidade com que Filippe a contou agora a Justino e a Pedro, contava-a a qualquer pessoa que lhe mostrasse uma ligeira vontade de ouvi-la; porque o orgulhoso velho não se esquecia do fallar de suas riquezas e suas desgraças; assim procurava aguçar a curiosidade de quem com elle ostivesse, até que lhe fosse pedida a narração de sua historia, que era contada com o mesmo exordio, exposição, provas e peroração com quo o leitor o ouviu agora contar! Entretanto convém dizer que Fi-

lippe não contava a sua historia pela mania, tão natural dos velhos, de fallar de cousas antigas, e contar acontecimentos do seu tempo; mas o fazia para ter a vangloria de fallar de si, e a ridicula vaidade de trazer á pello as suas riquezas.

Este homem acreditava que assim como o viandante pára curioso diante das ruinas immersas de um antigo edificio destruido pela surda lima do tempo, ou pela destruidora mão do guerreiro, e ahi, com uma especie de culto, admira ainda as troncadas columnas, as despedaçadas cimalthas, os abatidos tectos, e finalmente esse montão de destroços que antes de o serem tantos cuidados e tantos dias custarão á arte, que com tanto custo e esmero alinhára esse magnifico edificio; tambem ouvia de um estranho, com uma especie de respeito, a historia de seus desmanchos e desordens, contemplando, com certo culto, o homem que já fôra rico! E elle se enganava! Ha na verdade uma religião tão íntima como o nosso amor, e tão pura como nossas primeiras affeições; é essa religião que nos impõe um culto a illustres memorias e a magestosas ruinas! Mas essa religião, longe de estender-se aos homens decahidos do regaço da fortuna, não tem para elles nem a menor consideração; salvo quando, desaparecendo as riquezas, ficam outros titulos dignos de nossos respeitos! Assim paramos com certo respeito, e até culto, ante as emphaticas ruinas de um grande edificio; e ahi, sobre uma sublime, mas terrivel pagina, estudamos um profundo trecho da historia da humanidade! Com o mesmo acatamento contemplamos o tumulto de um homem virtuoso, de um sabio, de um litterato, de um poeta e de um guerreiro; e até com algum respeito olhamos para seus filhos, se elles todavia não tem senões que os afeem, e que deslustrem as memorias de seus antepassados! Mas nem o menor caso faremos de um homem que fôra rico, se elle não tem outro titulo mais do que o ter sido rico; e isto acontece ainda que suas desgraças tenham tido causas assás justificaveis; o convém que o digamos, o mundo é nisto bastantemente justo! Se o culto que recebe o ouro sobre a terra fosse equivalente ao culto que recebe a virtude, o saber, o talento e o heroismo, bom pouco solida seria a gloria destas brilhantes qualidades, visto que um usurario, o filho de um ladrão, ou este mesmo, teria tanto direito a uma veneranda immortalidade, tão immoralmemente ganha, como um homem modesto a uma immortalidade conquistada pelos mais nobres e decentes meios, e a

mór parte das vezes consumindo seus mais bellós dias em improbos ostudos e detestavóis vigílias, fazendo assim mais jua uma velhice prematura, e a uma morte anticipada.

Teem, é verdade, alguns individuos se immortalisado por meio do seu ouro ; mas, notemos bem, o ouro tem sido o meio e não a causa ; porque a causa é sempre uma virtude, uma bondade d'alma, que faz com que esses individuos distribuão parte de seu ouro em favor da humanidade soffredora.

Todavia nós podemos ser misericordiosos com Filippe, podemos bem perdoar-lhe essa vaidade, porque é natural a um velho fallar muito de si, do que foi, do que possuiu, do que gozou, e das cousas do seu tempo ; o que porém lhe não podemos perdoar é o seu atheismo ou deismo ; e Filippe já tinha feito disto um tal costume, que sempre que contava a sua historia misturava-lhe essas blasphemias, e nunca a acabava senão pela mesma fórma, negando a existencia de Deus ou a sua providencia.

O velho Filippe, ou por mera affeição a Justino e a Pedro, ou por algum calculo particular, tomou a peito o arranjo dos dous, e velava por elle como se fosse seu. A madeira para a obra foi immediatamente comprada, posta no lugar, assim como os outros materiaes, e Filippe metteu logo mãos á obra. Os dous entretanto continuavão aboletados em sua casa. Quando a obra estava quasi concluida os dous vierão para o Rio de Janeiro comprar sortimento. Ahí aboletárão-se juntos em uma casa na rua da Ajuda, vizinha, paredes em meio a uma casa onde existia uma linda menina, que Pedro não pôde ver sem uma admiração, um culto e um amor ! Justino, tendo notado isto, disse a Pedro :

— Creio que estás enamorado da vizinhazinha ?....

— E' bella ! respondeu Pedro.

— Então a qual preferes, esta ou a Narcisa ?

— Não sei o que te diga.....

— Olha que o pai desta é rico..... segundo me parece.....

— Tu o conheces ?

— Não ; mas tenho ouvido dizer.

— Quem é elle ?

— Agora não está na cidade.

— Mas como se chama ?

— João Baptista..... se é verdade o que tenho ouvido....

— Será aquelle fazendeiro com quem fallaste ?

— Exactamente.

— Diabo ! Que casamento !

TOMO I. (i

— Optimo.

— E ella nunca vai para a fazenda do pai ?

— Consta-me que algumas vezes.

— Oh homem ! vou ver se a namoro....

— Não.

— Porque ?

— Eu t'o direi depois.

— Sem duvida a queres para ti ?

— Não, que sou velho ; mas peço-te que por ora respeites essa menina.

— Por ora ?

— Sim, por ora.

— Aqui ha mysterio....

— Talvez....

— E então eu não posso saber que mysterio é esse ?

— E se nesse mysterio involve-se a honra do alguém ?

— Ah ! nesse caso.... eu não terei bastante discrição....

— Não ; não te afflijas, que eu depois te direi o que ha.

Pedro calou-se.

Comprados os sortimentos, os dous socios regressarão para Campos-Novos, sortirão sua tasca, e começarão o seu negocio.

Justino pouco parava em casa ; continuamente vinha para o Rio de Janeiro, onde se demorava 8, 15 a 20 dias ; Pedro pelo seu lado queria estar mais em casa de Filippe que em sua casa : nestas circumstancias convierão os dous socios em metterem um caixeiro. O negocio ia ás mil maravilhas ! Pedro, fiel ás instrucções de Filippe, vendia bem de dia, e comprava optimamente de noite. Era uma mina.... e como não ? Comprar por um de noite e vender por dez de dia.... Irra ! Que negocio poderia dar tanto ? Era pois preciso arranjar um caixeiro esperto, que não deixasse perigar a industria de comprar de noite e vender de dia. Filippe, que muito se interessava nos arranjos dos dous, procurou, e descobriu um pequeno indigena, talhado mesmo a geito para o que se queria. Em pouco tempo o rapaz ficou tão prompto e les-to nos mysterios da taberna, que não só podia Pedro depositar nelle a mais illimitada confiança, mas até por sua incomparavel habilidade podia dar mate a qualquer antigo taberneiro. O habilitoso indigena sabia perfeitamente misturar um sacco de pessima farinha de mandioca com outro de boa, e vender a mistura por mui boa farinha. Assim um sacco de milho podre, ou de feijão, não

era perdido; porque este feijão ou milho podre era misturado com o bom, e vendido pelo preço deste. Em um sacco de arroz já pilado misturava-se algumas libras de pedrinhas, que sempre acudião mais ao peso, não fallando em um pedacinho de chumbo graciosamente introduzido na concha da balança, que servia para os generos... era uma pequena graça para favorecer mais o peso dos mesmos generos. Além disto uma dose d'agua salgada, prudentemente misturada em uma pipa de aguardente, dizia elle que tornava a aguardente mais solutar e mais forte, sendo assim mais do gosto dos freguezes! Ora, convem confessar que os taes nossos taberneiros são os mais habéis chimicos do mundo! Imaginão misturas e as poem em pratica, que jámais os homens da sciencia se poderião lembrar dellas! e no entanto havia naquelle tempo um tal diabo de um juiz almotacel, que ás vezes arrebitava as ventas, e não só pregava nos gatunos uma boa multa, como mandava abrir as torneiras

das pipas, e despejar á rua os liquidos falsificados; não se esquecendo tambem de mandar sem remissão nem aggravo lançar ao mar a carne damnificada e outros generos! Oh! que horrivel tempo era esse! Ninguem poderia vender café, se o houvesse, torrado misturado com milho sem algum receio do almotacel; o padeiro não vendia o seu pão roubando o alheio, isto é, não o vendia ao tom do seu padar como naquelle tempo se dizia; tambem o carnicheiro não impingia a sua carne como queria etc., etc.: mas... louvado Deus! hoje, que estamos no seculo das luzes, bebemos vinho bastante aguardentado, e comemos o pão que o padeiro nos quer vender, arruinando o nosso estomago, alterando nossa saude, e esfolando nossas algibeiras... *mas o povo tem bastante discernimento para comprar o bom e rejeitar o máo!* E não obstante, as más tabernas e pessimas padarias não se fechão! Viva Deus! magnifico é o seculo em que vivemos.



CAPITULO VII.

EU O EXIJO!

O caracter dos moços depende sempre das primeiras doutrinas que lhe são implantadas no espirito ; e para que estas sejam consentaneas com a moral e a virtude, se le minuciosos na escolha do mentor que deve dirigir as suas primeiras idéas na infancia da vida.

Pedro, esse lindo moço que o narrador descreveu quasi no principio de sua historia, nascido com tão bom coração, mas perverso em consequencia de uma má educação e pessimas companhias, tinha soffrido ha pouco tempo um pequeno desar, quando esteve no Rio de Janeiro, vindo com Justino a comprar os generos para sua casa. Foi uma trivialidade; isto é, um seu velho amigo de Santa Catharina fingiu não o conhecer. O moço tomou isto a peito; e pensando seriamente em sua vida, entendeu que um tal procedimento era devido ao estado de pobreza em que se achava; e então assentou lá de si para si em restaurar a sua fortuna. Ora, se Pedro fizesse esse proposito, tencionando tambem emendar sua desordenada vida, bom; mas pelo contrario, assentou em ser rico, sem querer tornar-se homem de bem! Agora podemos dizer que Pedro, sem ter adquirido uma só virtude, tem mais um vicio, o bem funesto, que é a ambição.

*

Sendo muito curta a distancia entre a casa de Filippe e a tasca dos dous socios, os leitores terão certamente adivinhado que Pedro lá estava sempre. Excepto os sabbados de noite, os domingos e dias-santos, dias em que os taberneiros apontão á banca feita pelos escravos, e lh'a levão sempre á gloria; quasi que todo o mais tempo estava em casa de Filippe o bom do moço, adorando a sua adoravel filha, no que tinha muito bom gosto: mas nas pequenas conversas e gracejos havidos entre elle e Narcisa, não tinha ainda o nosso Pedro ganhado nem uma pollegada de terreno.

Uma tarde, era ao cahir do sol, Pedro entrou em casa de Filippe; e não vendo a senhorita Narcisa, perguntou por ella a sua mãe: esta, talvez da parte dos interesses de seu marido, lhe respondeu que a menina estava na horta. Pedro lá foi ter.

Era a horta da senhorita um terreno quadrilongo, cercado de uma fragil cêrca de folhas de pitei-

ras, e todo plantado. Este parallelogramo teria de comprimento oito ou dez braças, e de largura cinco a seis. Alguma hortaliça, como couves, repolhos, alfaces, salsas, coentros, cebolas, alhos, etc., e algumas flôres, como cravos, rosas, cravinas, saudades, perpetuas, monsenhores, artemizias, alecrins, mangericões e outras, erão toda a plantação deste tosco jardim, sem alguma regularidade ou symetria. Cumpre não esquecer que ali não faltava um frondoso pé de arruda, cujos ramos costumão cheirar algumas senhoras nos seus flatos ou hystericos.

Pedro entrou a horta, e saudou a Narcisa : esta correspondeu, e ficou como meio vexada. Depois disse :

— Sr. Pedro, não repare na minha horta....

— Oh minha senhora !... respondeu o moço ; ainda nem para ella olhei.

— E porque ? pois não merece que olhe para ella ? !

— Ah ! não é por isso....

— E então porque é ?

— E' porque quando estou á sua vista não olho para mais nada.

Narcisa, ou não entendeu a fineza, ou, se a entendeu, não deu-se por achada.

— Ora, Sr. Pedro, disse Narcisa depois de uma breve pausa, queria lhe pedir um favor....

— Oh minha senhora !... quanto serei feliz se a puder servir....

— Tinha tanta vontade de aprender a ler....

— E porque não, minha senhora ?

— Só se vosmencê me quizer ensinar....

— Com muito prazer.... e nisto faz a senhora muito bem. Uma moça que não sabe ler é um diamante bruto ; mas a moça que o sabe é um bello diamante lapidado, que nos offusca com o seu incomparavel brillantismo !

— Então quando havemos principiar ?

— Quando quizer... Amanhã, ou hoje mesmo....

— Pois então amanhã.

Com effeito, logo no dia seguinte Pedro começou a ensinar Narcisa a ler.

Em um dos primeiros dias deste ensino, entrando Pedro em casa do Filippo, esto tinha sahido, e Maria estava na horta. Narcisa tinha presa á trança do seu louro cabello uma bella rosa, que ha pouco havia desabrochado ; a flôr estava verdadeiramente bella, e Narcisa incomparavelmente amavel. Pedro, vendo-a, disse-lho graciosamente :

— Ah ! Sra. Narcisa ! como Vm. é cruel !

— Eu ! disse a moça meio sobresaltada ; e porquê ?

— Por maltratar assim a essa bella flôr.

— Mas como ! em que é que a maltrato ?

— Pois não sabe em que ?

— Eu nada entendo....

— Pois não vê que a maltrata em a trazer no cabello ?

— Mas em que a maltrato assim ?

— Oh minha bella senhora !...

— Declaro que não o entendo....

— Ou não quer entender ; e máo é quando fallamos com quem nos não quer entender.

— Affirmo-lhe que não entendo.

— Esta manhã era esta bella rosa a mais linda flôr que no seu jardim havia desabrochado seu seio ; corada como suas faces, bella como seu rosto, e encantadora como seu todo ; não havia ali flôr alguma que se lhe avantajasse ! A aurora, terna amiga das flôres, depoz em seu lindo seio as lagrimas do amor ; e ella, agradecida, ungiu estas lagrimas com o seu voluptuoso perfume. Mais tarde o sol, enamorado de tantas graças, deslizando de seu carro de ouro um apaixonado raio, veio com elle em brandos requebros furtivamente beijar seu milifluo seio. O zephyro da manhã, gemendo e murmurando de amor por entre as folhas dos bosques, veio junto dessa flôr suspirar seus suspiros de amante. Os dourados insectos, susurrando em torno della suas leves azas, disputarão entre si qual teria á ventura de depor em seu casto seio um tímido beijo de amor ! e a rosa, esse bello empenho da natureza, contava um inteiro dia de glorias e de triumphos ! contava ainda embalsamar a noite com o resto de seus perfumes.... e ella se enganava.... pobre flôr ! Enganava-se, porque Narcisa, outra flôr mais bella que todas as flôres, mais formosa que todas as mulheres, ahi veio, arrancou-a de sua rosoira, e despedaçou todos os seus encantos....

— Olhe, Sr. Pedro, o senhor disse muita cousa.... mas ou quasi nada entendi ; e por isso se lhe pergunto se faz mal pôr esta flôr no meu cabello ?

— Que ! senhora ! quem tem tantos dotes e bellezas precisa ainda adornar-se de flôres ? ! Se a senhora fosse uma mulher feia, sem graças, sem encantos, bom era que recorresse a esses adornos ; mas tão bella, para que assim maltratar as flôres ? E que aconteceu a essa flôr, que em seu jardim era a mais bella de todas as flôres ? Em seu cabello está desbotada, languida o triste ! definha-se e morre.... morro de inveja o do dôr ! de inveja da sua belleza,

de dôr por ver-se vencida pelos seus encantos ; porque uma rosa flôr não pôde brilhar ao pé de uma rosa humana !...

— Ora.... isso é lisonja....

— Como? pois dizer uma verdade é lisonja! Acaso a senhora não sabe que é formosa, e muito formosa, bella, e a mais bolla de todas as mulheres!

— Como ainda não vi todas as mulhieres....

— Ah! mas eu tenho visto muitas.

— E ontão, sou eu mais bella que todas as outras? perguntou Narcisa com certa altivez.

— Mais bella! oh! a comparação seria uma offensa quo eu lhe faria! Não ha nem pôde haver em todo o mundo uma belleza como a da senhora!...

— Ah! vom minha mãi....

— Diabo! murmurou Pedro. Vamos á lição....

— Sim, vamos.

Pedro, apesar de suas maldades, provenientes de sua educação, sentia ainda, com um fraco calor, arder em sua alma o resto da centelha do bem. Recebido com tanta bondade por Philippe, via em sua mente, como uma acção indigna, a seducção de sua encantadora filha; mas esta filha, se era uma mulher para ver-se a primeira vez sem amor, não era para ver-se a segunda sem fortes palitações, e a terceira sem um culto! e Pedro, encantado de tanta belleza, sentia-se, a seu pezar, arrastado por essa magia invencível! Não tendo já ante seus olhos os seductores e adoraveis encantos da bella menina da rua da Ajuda, Pedro pouco a pouco esqueceu-se dellá, e Narcisa era a bella imagem que occupava quasi todo o seu coração; quasi todo, diz o narrador, porque o pobre moço sentia-se tambem devorado por outra paixão bem differente do amor, que era a ambição! Seduzir Narcisa, e fazer della sua amante, parecia-lhe indigno; casar-se com ella, parecia-lhe asneira, attenta a sua pobreza. Por fatalidade Narcisa tinha os mesmos sentimentos, era ambiciosa, e queria ser rica! Notavel cousa! estas duas pessoas, sem se terem ouvido, pensavão perfeitamente do mesmo modo! Narcisa, mulher bastante bella, entendia que seus encantos lho davão direito a um marido rico! Pedro, bastante bonito, entendia quo seus dotes, sua figura e seu espirito lho davão direito a uma mulher rica! e entretanto Pedro amava Narcisa, e Narcisa amava a Pedro, ambos muito bonitos, ambos muito mal educados, ambos dotados de bom coração, ambos devendo ser mãos em consequencia de sua pessima educação, ambos ambiciosos, e ambos amando-se! Que monstruosidades! Felizmente, como dous genios iguaes não

fazem liga.... com effeito o amor attrahia a estas duas naturezas viciadas; a ambição as repellia: qualquer destas duas paixões são poderosas, mas de desiguaes durações e desiguaes poderes; porque o que tem o amor de mais poderoso, tem de menos durador; e o que tem a ambição de duradoura, tem de menos poderosa. Deste mais ou menos poder, e desta mais ou menos duração, longe de resultar um equilibrio que mantenha este affecto e esta paixão, resulta sempre o triumpho de uma á custa da outra, sendo quasi sempre vencedora a ambição; porque amor e ambição na mesma alma ô um facto quasi impossivel, se o não é absolutamente!

No ponto em que se achão estas cousas, é quasi impossivel o conciliar-se esta paixão e este affecto; porque Narcisa é pobrissima, o Pedro é pobre: ambos querem ser ricos, e para isso ambos poem a mira em um casamento! Como fôr, é mister ou uma modificação nestas duas almas, o que seria um milagre, ou que o affecto esmague a paixão, ou a paixão ao affecto!

O leitor já sabe que Pedro está ensinando Narcisa a ler; elle não só é o seu mestre de primeiras letras, como o director de sua moral; e nesta posição o moço não perde uma só pollegada de terreno que possa conquistar.

Não obstante o que deixamos dito, Pedro tinha um formidavel inimigo com que lutar, inimigo que, ou devia demorar o seu triumpho, ou neutralisar as suas habéis seducções, e acabar por derrotá-lo completamente. Este inimigo era Maria; não porque ella desconfiasse de Pedro; pelo contrario a boa velha depositava nelle uma confiança quasi ilimitada, nutrindo sempre a melhor boa fé do mundo: mas a pobre mãi perfeitamente conhecia o coração de sua filha e suas tendencias; e, ou fosse por calculo, ou por simplicidade, lisongeava a dominante paixão desta filha ambiciosa. Assim ella dizia constantemente á sua filha que uma moça bonita que deseja achar um marido rico, ainda sendo pobre, devia levar a seu marido algum dote, e que o principal dote dote era a sua honra. E pois se Narcisa por sentimentos de modestia, de pondunor e de brio, não estava muito disposta a ser a guarda desi mesma, esta maneira por que sua mãi picava seu brio, era, por assim dizer, a guarda do sua castidade, castidade velada por sua ambição, e mais nada!

Narcisa, aprendendo a ler, desenvolveu uma habilidade espantosa, uma comprehensão extraordi-

naria, e uma aptidão invejavel. Logo que começou a ler alguma cousa corrente, Pedro principiou a dar-lhe alguns folhetos do máo gosto, escriptos em ruim portuguez e de pessimo estylo. A vida de D. João de Castro, escripta por Jacintho Freire de Andrade, que ella tambem lia, a fallar a verdade só poderia ser collocada em o numero das obras classicas portuguezas em falta de melhores obras; pois que apesar do talento do seu autor, seu livro muito se resente do máo gosto de seu seculo. Com effeito, depois começou de ler melhores livros, como Camões, Ferroira, Sá de Miranda o Bernardes. Para exercita-la em letra de mão, Pedro traduzia alguns pedaços de Lucrecio *De rerum natura*, que a moça lia, e elle explicava! No fim de um anno Narcisa lia, escrevia e fazia as quatro operações fundamentaes de arithmetica: tinha já lido a vida de D. João de Castro, alguns poetas portuguezes, alguns pessimos folhetos, e sabia de cór alguns pedaços de Lucrecio, traduzidos de proposito, como por exemplo: que não havia, positivamente fallando, um Deus creador; que o universo era obra da mesma natureza, resultado do concurso fortuito dos atomos; que nossa alma nasce e morre com o nosso corpo, etc., etc.; e Pedro, até onde podia, tomava a peito a explicação minuciosa de todas estas cousas. Assim Pedro, este mancebo corrompido, que, a dizer a verdade, não queria esposar Narcisa porque era pobre, aproveitava tudo para implantar em seu coração estes detestaveis sentimentos, e arrancar dello todo o temor da eternidade. Todavia a tarefa não era lá muito difficil: o imprudente Filippo a tinha começado, a Pedro tocava o resto... Mais tarde, Pedro comprehendou quo estava em um estado estacionario, e quo por mais diligencias que fazia não adiantava mais nem uma meia pollegada; então recorren a outro alvitre: era o tentar a moça pelo lado do casamento, acreditando quo ella não desejava mais; assim elle declarou-lhe que a queria para sua mulher. Mas qual não foi o seu decahimento, ouvindo a repulsa desta proposição, quo esperava ver acoita, e com prazer! A' vista desta nova derrota, Pedro, pela primeira vez com cara de pábulo, disse a Narcisa:

- Bom.... Andava enganado....
- Então em que? perguntou a moça.
- Eu suppunha que a senhora.... a...mava-me....
- E é verdade...
- Como verdade?

- Sim, porque eu lhe amo....
- E' impossivel!
- Não, senhor, não é.
- Amar-me!... e não ter para mim uma prova de amor!
- E' porque não posso.
- E nem ser minha mulher?
- E nem ser sua mulher.
- E' um amor verdadeiramente incomprehensivel!
- Qual! Não, senhor, não é.
- Oh! amar é um delicioso affecto que enche o nosso coração de prazer, e a alma de esperanças; destas esperanças o amor se alimenta gostosamente; isto é, as esperanças de possuir o objecto da affeição que enche o nosso coração de prazer e a alma de esperanças; e uma vez possuido esse objecto...
- Acaba-se o amor, atalhou Narcisa.
- Não, o amor continúa debaixo de outra forma; porque então as esperanças transformão-se em suaves desejos. Antes de alcançado o objecto do nosso amor, nutriamos esperanças de alcança-lo; uma vez alcançado, desaparecem estas esperanças, e em seu lugar fica o desejo de o vermos feliz. Ora, a felicidade do amor não é senão o gozo do objecto que se ama; logó, se a felicidade do amor não é senão a posse do objecto amado, claro é que a privação ou a perda desse objecto é a desgraça do amor. Alem disto, a ventura suprema de dois verdadeiros amantes consiste na posse um do outro; alcançada essa posse, ainda privados das riquezas, ainda soffrendo necessidades, acreditão-se gostosamente felizes, porque se amão e se gozão! Em conclusão: se a mais doce e a mais suprema ventura do amor é o gozo do seu objecto; se a sua mais amarga e mais profunda desgraça é a privação delles, como é possivel que haja quem ame, e que por seu proprio gosto se queira privar das venturas do amor, votando-so ás suas desgraças?! E' uma extraordinaria extravagancia o gostar assim da desgraça....
- Ha ainda maior desgraça que a perda do objecto amado.
- Qual é?
- E' aquella que ambos queremos evitar.
- Ambos queremos evitar?!
- Sim, ambos.
- Mas eu não sei qual é...
- E' o viver pobre.
- Oh!!!

— De que se admira ?

— Ah ! então a Sra. Narcisa ama mais as riquezas do que a mim, apesar de dizer que ama-me ?

— Mais não : mas posso amar o senhor o as riquezas.

— E' impossivel.

— Qual impossivel. . . .

— E' impossivel ! Não se póde sobre o mesmo altar sacrificar a Amor e a Pluto. Não se ama ao mesmo tempo a dous objectos taes.

— Ora, se se ama. . . . Ama-se a mulher, ou a uma amada ; amão-se os filhos, as riquezas, os livros e a muitas outras cousas ; ama-se a patria, a gloria, etc. : ha logar para tudo, e nenhum dos objectos que amamos fica lesado.

— Ainda bem.

— Ainda bem o que ?

— Que a senhora diz que nenhum dos objectos que amamos fica lesado, e eu o sou. . . .

— Como ?

— Sim, ha diversos grãos de amor ; amamos a varios objectos ; todos esses objectos são amados, nenhum é prejudicado : entre nós porém é tudo o contrario : eu sou amado pela senhora, segundo acabou de dizer ; mas o ouro é mais amado que eu, e tanto que pelo amor do ouro eu sou prejudicado.

— Ora, Sr. Pedro, que sabemos nós do futuro ?

— Uma cousa.

— E qual ?

— Que a senhora casar-se-ha ahi com algum sertanejo, e eu serei desprezado.

— Eu ainda lhe não disse que perdesse as esperanças. . . . Assim como assim, que fariamos nós em casarmo-nos ?... nós, que somos tão pobres. . . . ao menos eu ; e o senhor principiando a sua vida. . . .

— Mas ganho com que sustenta-la, e. . . .

— E' tão pouco, Sr. Pedro. . . .

— Tão pouco !. . .

— Sim, pouco. . . . Quero mais, muito mais.

— Quer mais ?... e que mais ?

— Ser rica, muito rica.

— Creio que nunca serei muito rico.

— Não importa. . . . Tenha esperanças. . . .

— No entanto a senhora casará. . . .

— Não obstante, ame-me sempre.

— Sempre ? !. . .

— Sim. . . .

— Não posso. . . .

— Mas eu o quero. . . .

— Narcisa. . . .

— Eu o exijo.

— Oh ! ! !. . . .

Pedro murmurou essa interjeição com o semblante transportado de prazer. Narcisa corou ; e o mancebo, lançando-se a ella, abraçou-a e beijou-a ternamente. A moça não offereceu a menor resistencia a esta effusão, e pouco depois foi para sua horta.

Pedro, vendo-a sahir, exclamou :

— Narcisa, eu te comprehendo.

Pedro tinha talvez dado ás palavras da rapariga uma interpretação mais ampla do que devia. Narcisa, em verdade, amava a Pedro, mas esse amor não tinha ainda tocado ao grão de uma paixão vehemente ; a cegueira da paixão não tinha ainda cegado sua alma. Amando calma e calculadamente, não tinha ainda medido a orbita do amor, nem pesado os seus quilates, e assim ignorava o de quanto era capaz uma paixão no seu auge. Narcisa ignorava que o facto de uma mulher dar ouvidos a um amante já é um triumpho, porque toda a difficuldade está na primeira declaração ; feita esta, e não repellida, o triumpho é quasi infallivel. Ignorando estas cousas, a rapariga, que amava a Pedro, não se animou a repelli-lo, e, sem nada lhe prometter, disse-lhe que tivesse esperanças ; e esperando ella um casamento rico, acreditava que Pedro se esquivaria della logo que a visse casada com qualquer outro.

Entretanto Pedro não perdia occasião de seduzir e corromper a esta alma ainda nova. Assim se passarão tempos : Narcisa ia a fazer os seus dezasete annos ; suas fórmas se tiuhão completamente desenvolvido : formosa e muito formosa, altiva e cheia de orgulho, apresentava agora um rosto muito mais agradável e um corpo muito mais esvelto ! sua falla era mais doce e tocante, sua linguagem um tanto correcta, seus gestos mimosos e engraçados, suas acções graciosas e concertadas, seu ar grave e sisudo, e seu passo nobre e desembaraçado. Esta mulher encantadora revelava á primeira vista uma vaidade illimitavel, uma vontade de ferro e um capricho invencivel.

Pedro sentia-se cada vez mais enleado nos encantos desta perigosa Circe ; e ella, com uma habilidade verdadeiramente admiravel, temperava e modificava os fogos desta paixão criminosa.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasileira Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasileira Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasileira Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasileana@usp.br).